

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**AS CRUZADAS MEDIEVAIS E O ESTADO ISLÂMICO CONTEMPORÂNEO: A
GEPOLÍTICA SOB O DESÍGNIO DA FÉ**

Autora: Kessya de Quadros Borges

Orientadora: Professora Ma. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2017

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**AS CRUZADAS MEDIEVAIS E O ESTADO ISLÂMICO CONTEMPORÂNEO: A
GEOPOLÍTICA SOB O DESÍGNIO DA FÉ**

“Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Ajes Instituto Superior de Educação do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia”

JUÍNA/2017

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. VINICIUS ANTONIO HIROAKI SATO

Prof. Dr. SIKIRU OLAITAN BALOGUN

ORIENTADORA: Profa. Ma. MARINA SILVEIRA LOPES

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado sabedoria e força para concluir minha graduação.

Agradeço, a todo a minha família, em especial minha mãe, Marilete de Quadros e ao meu pai Ademir A. Borges, que me deram apoio para chegar até essa fase da minha vida.

Agradeço, aos meus amigos que me ajudaram nos momentos difíceis, em especial a minha prima, Patrícia Reinickie e minha amiga Maria Silva, pelas palavras de apoio para não desistir.

Agradeço, a uma querida companheira que me ajudou em toda trajetória do meu trabalho, Natanielly de Paula Freitas, obrigada.

Agradeço, também, a minha ilustre orientadora Ma. Marina Silveira Lopes, pelos ensinamentos ao longo desses anos e também pelas orientações que foram fundamentais para a produção desse trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus irmãos, Alexia de Q. Borges, João Victor de Q. Borges e Kely de Q. Martins.

EPÍGRAFE

“Deus é o todo, está em tudo”.

MILTON SANTOS

RESUMO

Escrever sobre conflitos já é um tema delicado e quando ele é de origem religiosa a situação se agrava. Cada dia é mais comum ouvir fala sobre isso, afinal, na atualidade eles estão em evidência em praticamente todos os veículos de comunicação. Entretanto, quando explorados, percebe-se que suas análises podem ser feitas pelo viés da ciência geográfica. Dois ramos da geografia seriam pertinentes para tais interpretações, à geografia da religião e a geopolítica. Uma responsável por desvendar os fenômenos da fé e suas intercorrências culturais, a outra, a geopolítica que busca a intersecção entre território-política-poder. Assim, deter-se-á com a geopolítica para comparar dois fatos históricos que alteraram o curso da história ocidental. De um lado, as cruzadas medievais, dos séculos XI ao XIII e o grupo ultraradical do Estado Islâmico do início do século XXI. Ambos trazem como protagonistas, a cosmovisão do mundo cristão ocidental e a cosmovisão do mundo islâmico oriental. As cruzadas foram expedições militares, geopoliticamente orquestradas pela igreja católica, tendo como primeiro plano de ação, a retirada dos infiéis (mulçumanos) do território sagrado de Jerusalém, cidade coração dos cristãos medievais, pois lá estava a Igreja do Santo Sepulcro. E, hoje, vivenciamos o movimento inverso, não especificamente no território de Jerusalém, mas nas imediações territoriais que envolvem o islã. O Estado Islâmico ataca e destroem os infiéis (cristãos) pela não prática mulçumana e pela presença constante da cosmovisão ocidental cristã. Construindo, nesse prisma, uma geopolítica assustadora para os países ocidentais, independente de fronteiras demarcadas ou não. Essa situação se agrava ainda mais, devido à forma com a qual a mídia veicula os acontecimentos, induzindo as pessoas à islamofobia. Pretende-se, aqui, mostrar aos leitores, que os cristãos medievais deflagraram guerras contra os mulçumanos e com propósito outros, que estavam também sob o escudo da fé.

Palavras-chave: Cristãos. Muçulmanos. Islã. cruzadas e conflitos.

ABSTRACT

To write about conflicts is a sensitive issue and when it is religious in nature, it is even more delicate. It is common to hear talk about it, after all, at present they are in evidence in virtually every communication media. However, when these analyses are scrutinized, it becomes obvious that the perspectives may be biased by geographical science. Two branches of geography would be relevant to such interpretations, the geography of religion and geopolitics. The first is responsible for unraveling the phenomena of faith and its cultural complications, the other, geopolitics, seeks to unravel the intersection between territory-politics-power. Thus, we dwell on geopolitics to compare two historical facts that have altered the course of Western history. On the one hand the medieval crusades from the 11th to the 12th centuries and the ultra-radical Islamic State group of the beginning of the 21st century. Both bring as protagonists the worldview of the Western Christian world and the worldview of the Eastern Islamic world. The Crusades were military expeditions, geopolitically orchestrated by the Catholic Church, with the first action plan, the withdrawal of the infidels (Muslims) of the sacred territory of Jerusalem, the heart of the city medieval Christians, for there was the Church of the Holy Sepulcher. And today, we experience the opposite movement, not specifically in the territory of Jerusalem, but in the territorial surroundings that surrounds Islam. The Islamic State attacks and destroys the infidels (Christians) for the non-Muslim practice and the constant presence of the Christian Western worldview. In this regard, building a frightening geopolitic for Western countries, regardless of the boundaries or not. This situation is further aggravated by the way in which the media convey the events, inducing people to Islamophobia. It is intended here to show the readers that medieval Christians have waged war against Muslims, but with other objectives, which were hidden under the shield of faith.

Keyword: Christians. Muslims. Crusades. Conflicts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Caaba – Geossímbolo dos Muçumanos.....	25
Figura 02: Mesquita do Brasil, Bairro do Cambuci em São Paulo.....	31
Figura 03: Movimentos das cruzadas no século XI à XIII	33
Figura 04: Cavaleiros templários e muçulmanos durante as cruzadas.....	34
Figura 05: Igreja do Santo Sepulcro.....	35
Figura 06: O domo de Rocha, lugar onde Muhammad ascendeu aos céus.....	36
Figura 07: Muro das Lamentações.....	37
Figura 08: Domínio do Estado Islâmico.....	39
Figura 09: Mapa mundo árabe.....	42
Figura 10: Mapa do mundo árabe e países com forte identificação.....	42
Figura 11: Mapa do Mundo Islâmico.....	43
Figura 12: Mapa do domínio do Estado Islâmico.....	49

LISTA DE QUADRO

Quadro 01: Processo de expansão do território Islã.	28
Quadro 02: Objetivo das cruzadas.	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1. GEOPOLÍTICA E FÉ: UMA LEITURA DA ORIGEM DO CRISTIANISMO E DO ISLÃ.....	15
2.1.1 O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO: O NASCIMENTO DO CRISTIANISMO NO ORIENTE E SEU ENRAIZAMENTO NO OCIDENTE.....	16
2.1.2 ISLÃ E SUA HISTÓRIA: DESVENDENDO-O PARA O OCIDENTE.....	21
2.1.3 O ISLÃ NO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA.....	29
3 AS CRUZADAS, EM NOME DE DEUS: O VERSO E REVERSO DESSES MOVIMENTOS MILITARES MEDIEVAIS.....	32
4 O ESTADO ISLÂMICO: OS INTERESSES GEOPOLÍTICOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	39
4.1 TERRORISMO ONTEM E HOJE: UM PESADELO NO DECORRER DOS SÉCULOS.....	41
5 METODOLOGIA CIENTÍFICA.....	46
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	47
6.1 AS CRUZADAS E O ESTADO ISLÂMICO: A INTERESECCÃO DESSES MOVIMENTOS BÉLICOS.....	47
7 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

Quando se escreve sobre religião em geografia, uma das possibilidades mais viáveis é pela geografia da religião, a qual está ligada à geografia cultural, do geógrafo americano Carl Sauer, que propôs seus conceitos em meados da década de 1970. Entretanto, quando se reporta aos conflitos religiosos, a geopolítica também é uma excelente condutora da análise. Mesmo porque, na geografia da religião delinea-se a religião na cultura¹ e suas consequências, e a geopolítica orienta-nos a olhar as estratégias para controle e ampliação de territórios e os desdobramentos advindos disso. Por isso, a geopolítica atende mais aos anseios propostos nesse trabalho, uma vez pautar-se-á, ao longo do mesmo, as batalhas históricas medievais e atuais entre cristãos² e muçumanos³.

As cruzadas entre os séculos XI e XIII trouxeram grandes atritos entre o mundo cristão e o muçumano. Nos quais os cristãos bradavam infiéis aos muçumanos, mais de dez séculos se passaram e observa-se uma cena histórica semelhante, atualmente, muçumanos radicais e extremistas bradam infiéis aos cristãos de todo o mundo.

O Cristianismo teve origem numa província oriental do império romano e teve como seu profeta, Jesus de Nazaré. Propagou-se pelo mundo romano civilizado da época, mas levou vários séculos para ser professada livremente. Para que essa liberdade de culto acontecesse, seus seguidores enfrentaram perseguições, lutas, guerras, conflitos, dissidências, intolerância religiosa e manipulação política até ser decretada como religião oficial do império romano, em 380 d.C., pelo imperador Teodósio. Sendo assim, somente a partir do século I foi que a religião se fortaleceu.

¹ Cultura: O conceito de cultura foi definido pela primeira vez por Edward Tylor como sendo o complexo que inclui conhecimentos, crenças arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade (LARAIA, 2003, p.25).

² É toda pessoa que segue os ensinamentos do Cristianismo. Aquele que é batizado. Disponível em: <www.dicio.com.br/cristao/> Acesso em 17 mai. 2017.

(...) A Renascença dos XIV e XV trouxe um novo desafio para a autoridade da Igreja: humanismo e o início de uma Era Dourada científica. A retomada do interesse no ensino clássico incitou críticas à Igreja Católica, e a Reforma Protestante foi desencadeada pela publicação das 95 teses de Martinho Lutero em 1517 (AMBALU, S. *et ali*, 2013, p.203). As várias maneiras de vivenciar o Cristianismo, como vemos atualmente, só foi possível em função dos acontecimentos a partir da Reforma Protestante no século XVI, já na modernidade. Tornando o Cristianismo polarizado em cristão católicos e cristãos protestantes e suas dissidências posteriores.

³ Muçulmano: Etimologicamente é "aquele que se submete à Alá". Toda pessoa que professa a fé islâmica (PHILIPS, s/a p.3).

Com resistência, a cosmovisão⁴ cristã foi-se firmando no mundo ocidental. A igreja católica⁵ exerceu um grande poder durante toda a Idade Média (476 a.C. a 1453 d.C.). O mundo cristão não imaginava que sofrer um abalo pelos acontecimentos por volta de 610 d.C.. Nesse ano em Meca, na atual Arábia Saudita, Muhammad recebeu suas primeiras revelações para a escritura de um livro sagrado, o alcorão, o qual pautaria a vida dos muçumanos, seguidores do Islã, uma nova religião, também, oriental. E, cujo último profeta seria o próprio Muhammad.

Cristãos e muçumanos desprenderam inúmeras empreitadas numa geopolítica pautada pela fé. Em meados do século VIII os mouros⁶ conquistaram a península Ibérica (Portugal e Espanha) e permaneceram ali, por quase 800 anos. Foram expulsos definitivamente, somente no século XV, já na Idade Moderna. Com a geopolítica estremecida pela presença dos mouros, em solo europeu, em 1054, o Cristianismo sofreu outro golpe com o Grande Cisma, que foi a ruptura dogmática entre a igreja. Esse Cisma, dividiu-a em Igreja Católica Apostólica Romana (Ocidental) e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa (Oriental). Isso gerou inúmeras manobras geopolíticas, dentre elas, as cruzadas.

As cruzadas, um misto de investida militar, peregrinação, penitência e interesses político-econômicos deflagrou conflitos e instabilidade sociopolítico tanto no lado cristão, quanto no lado muçumano. Foram oito cruzadas, algumas muito cruéis, mas sempre com a bandeira branca de cruz vermelha ao centro, esteando a fé cristã durante as investidas. Todas tinham como o objetivo a retirada dos infiéis - os muçumanos - da Terra Santa (Jerusalém). Solo sagrado para os cristãos, onde lá estava erguida a Igreja do Santo Sepulcro, sepultura de seu ícone maior, Jesus Cristo.

⁴ Cosmovisão é um conjunto de suposições e crenças que alguém usa para interpretar e formar opiniões acerca da sua humanidade, propósito de vida, deveres no mundo, responsabilidades para com a família, interpretação da verdade, questões sociais, etc. Disponível em <<https://carm.org/languages/portuguese/cosmovis%C3%A3o-crist%C3%A3>>. Acesso em 21 mai. 2017.

⁵ Católico vem do grego *Katholikos* que quer dizer, para todos ou universal. Disponível em: <www.dicionarioinformar.com.br/catolico>. Acesso em: 17 mai. 2017.

A Igreja Católica Apostólica Romana nasceu no dia de Pentecostes após a ressurreição de Jesus em 33 d.c. Disponível em <www.catequizar.com.br/texto/materia/dout/lv03/09> . Acesso em: 17 mai. 2017.

⁶ Tratava-se de um povo africano que vivia onde ficam hoje o Marrocos e parte ocidental da Argélia. O termo vem do latim *muere*, que significa “negro”, em referência à pele escura da população que havia sido dominada pelo Império Romano no século I a.C. Disponível em <www.mundoestranho.abril.com.br>. Acesso em 19 maio. 2017.

As rusgas de fé e de domínios entre cristãos e muçumanos continuaram com o passar do tempo, com maior ou menor ênfase durante as épocas, mas continuaram. Contudo, pode-se ver que na contemporaneidade a dicotomia dos conflitos ultrapassaram a condição de ser cristão ou ser muçumano e centrou-se na maneira ocidental e na maneira oriental de ser, face às múltiplas interpretações do Cristianismo e do islã, que se cresceu muito nos últimos séculos.

Desse modo, o conflito entre essas duas cosmovisões ressurgiu com uma força avassaladora, a partir do episódio de 11 de Setembro de 2001. O ataque às Torres Gêmeas, em Nova York (EUA) marcou sensivelmente essas oposições. O mundo cristão ocidental declarou guerra ao mundo oriental islâmico que lutava contra a intromissão norte-americana em pontos geopolíticos estratégicos para o islã.

Nessas duas primeiras décadas do século XXI, esse conflito entre EUA e *Al Qaeda*, foi contido, com o apoio de diversos países, não só pelo temor do alastramento da guerra que se desencadeou entre eles, mas principalmente, pelas questões geopolíticas que abarcava a Europa a qual poderia desencadear uma nova ordem política no mundo.

Porém, mal o mundo respirou sossegado com o final desse episódio que tinha como premissa, em primeiro plano, as questões religiosas, surgiu o Estado Islâmico, um grupo extremista que ultrapassou as fronteiras traçadas pela *Al Qaeda*, pois o mesmo declara morte aos não seguidores do islã, independentemente de ser cristão ou não.

Essa discussão veio à baila uma vez que a islamofobia⁷, ou seja, repugnância e repúdio a aqueles que seguem o islã tem-se sido propagada aos cinco continentes de maneira injusta e leiga, uma vez que a mídia promove conceitos distorcidos sobre os muçumanos, gerando ainda mais, conflitos e intolerância religiosa. Busca-se levar aos leitores, a saber, que os cristãos, na sua origem, já deflagraram guerras contra o povo islâmico e, que hoje acontece ao contrário. O importante é não generalizar atos terroristas e imputar como maléfico aquele que se expressa no mundo com uma fé diferente. As diferenças estão presentes na humanidade e para todas tem lugar.

⁷ Islamofobia: é o sentimento de repugnância ou de repúdio em relação aos muçulmanos e ao Islamismo em geral (BERLINCK, 2011, p.1).

Para tal propósito, levantou-se os seguintes questionamentos: O quê desencadeou as cruzadas? Qual a importância geopolítica e religiosa de Jerusalém para as duas fés no período medieval? Quais os fatores geopolíticos que fizeram propagar o islã no medievo e na contemporaneidade?

Além de buscar as respostas aos questionamentos, pretendeu-se entender se as cruzadas também foram de certa forma, um movimento extremista. Identificar como o mundo ocidental vê os muçulmanos, na contemporaneidade. Compreender as relações geopolíticas ocorridas nos conflitos entre cristãos e muçulmanos, no período das Cruzadas Medievais e o Estado Islâmico, na contemporaneidade.

Delimitou-se em relatar os conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos a partir das cruzadas (1095-1291), nas quais os infiéis eram os muçulmanos e o Estado Islâmico (2006-2016) para o qual todos não muçulmanos são infiéis. Dessa forma, mostrar a construção do Cristianismo, a do islã e seus embates religiosos na tentativa de um subjugar o outro, quanto à visão de mundo e interesses geopolíticos.

Para compilar essas ideias foram realizadas pesquisas em sites, tais como: scielo, google acadêmico, livros online e da biblioteca da faculdade, como também artigos, dissertações e teses acadêmicas. Para busca de dados utilizou-se as seguintes palavras-chave: cristãos, muçulmanos, Islã, cruzadas e conflitos religiosos. Também foram utilizados: figuras, mapas, quadros, revistas online entre outros.

Esse trabalho foi estruturado em tópicos, a saber: 1. Introdução. 2. Fundamentação Teórica, com os subtópicos 2.1 Geopolítica e fé: Uma leitura da origem do Cristianismo e do Islã, o qual foi tratado da história do Cristianismo e do Islã, seus líderes e sua expansão pelo mundo, 2.1.1 O pai, o filho e o espírito santo: o nascimento do cristianismo no oriente e seu enraizamento no ocidente, 2.1.2 Islã e sua história: desvendando-o para o ocidente 2.1.3 O islã no Brasil: uma breve história 3. O islamismo no Brasil, no qual vai retrata como o islamismo chegou ao Brasil e alguns dados sobre a porcentagem de muçulmanos. 4. As cruzadas, em nome de deus: o verso e reverso dessa investida medieval. O 5. Traz a metodologia científica. 6 Análise e discussão dos resultados com o subtópico, 6.1 as cruzadas e o estado islâmico: a intersecção desses movimentos bélicos. 7. Conclusão. 8 Referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. GEOPOLÍTICA E FÉ: UMA LEITURA DA ORIGEM DO CRISTIANISMO E DO ISLÃ

As dimensões geográficas que envolvem os conflitos religiosos podem também ser explicadas pela geopolítica, que para Duarte (2014) é uma área da geografia no qual seu principal objetivo é interpretar fatos diretamente relacionados com o desenvolvimento político dos territórios tendo como parâmetro principal elementos da ciência geográfica.

Lopes (2008) coloca que desde a Antiguidade a ideia de território propõe relações de força entre as civilizações. O tamanho do território estava ligado a um fator de conquista e manutenção do poder. Para Haesbaert (2002, p.121) ele estabelece “uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados”. A partir dessa definição, o autor traz três dimensões possíveis: a política, a simbólica e a política-simbólica. A dimensão política centra-se nas relações de poder, a simbólica alia-se as experiências vividas dos grupos sociais pela história e cultura. E, a última funde as duas anteriores.

O termo geopolítico foi usado pela primeira vez em 1905, por um jurista e professor sueco chamado Rudolf Kjellen⁸. Conforme Santos e Bovo (2011), Kjellen definiu a geopolítica como a ciência que estuda o estado como organismo geográfico, tendo suas abordagens voltadas para a política, por tratar de fatos atuais, a geopolítica estabelece um entrelace com os conflitos religiosos, isso acaba sendo uma possibilidade de análise para esses conflitos entre o ocidente e o oriente, que apesar de terem suas origens na Idade Média não deixa de se manifestar na Contemporaneidade.

⁸ Rudolf Kjellen era um grande historiador da cultura alemã e suas teorias foram utilizadas como base para encontrar o conhecimento geográfico (SANTOS; BOVO, 2011, p.3).

2.1.1 O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO: O NASCIMENTO DO CRISTIANISMO NO ORIENTE E SEU ENRAIZAMENTO NO OCIDENTE

O Cristianismo é uma religião monoteísta abraâmica⁹. Surgiu, nos século I, como seita¹⁰ do judaísmo, sendo professada pelo povo da Judeia, província do Império Romano, hoje, Israel.

[...] Este reino do Sul chamado Reino de Judá passa a chamar-se Judeia na época Romana. E Herodes o grande governava praticamente todo o território que pertenceu a Israel durante o reinado de Davi, com os seguintes nomes de províncias Romanas: 1 – Judeia - o Sul, 2 – Samaria – ao Centro, 3 – Galileia ao norte (www.abiblia.org, 2017).

Seu profeta maior e considerado filho de Deus, é Jesus Cristo. Nome esse, a partir de “Jesus” (de Nazaré) e do título “Messias” (hebraico) ou Cristo (grego), que significa ungido (DAMIÃO, 2008, p.382). Jesus nasceu em Belém, na Judeia, no ano de 749¹¹ no tempo de Herodes, nessa época todas as terras ao redor do mar mediterrâneo eram de domínio romano, ou seja, mundo civilizado da Antiguidade.

Seus evangelistas Lucas e Mateus, afirmam que ele “não era filho de pai humano, mas que foi concebido pelo poder do Espírito Santo e nasceu como o filho unigênito de Deus” (BÍBLIA, Lucas 1.35; Mateus 1.18,24).

De uma maneira única de se dizer sobre Deus, a Trindade¹² foi descrita por líderes da igreja primitiva, mais ou menos trezentos anos após a morte de Jesus, “em

⁹ As religiões abraâmicas, em ordem cronológica de fundação, são três: judaísmo, Cristianismo e islamismo. São denominadas abraâmicas porque têm sua origem em comum no patriarca Abraão, por tanto as três, mesmo com diferentes doutrinas e dogmas, ainda são fundamentadas no velho testamento bíblico. O monoteísmo também é algo em comum, ou seja, uma crença extremamente unitária em Deus, como o onipotente regente e criador do mundo. Disponível em <<http://www.pedroitb.com.br/2012/12/religiao-religioes-abraamicas.html>>. Acesso em 17 mai. 2017.

¹⁰ Uma seita é, de modo geral, um grupo que se separou de um grupo religioso maior, passando a seguir crenças ou práticas desviantes (GATY, 2013 p.1).

¹¹ (...) o tempo era contado no Império Romano a partir do ano da fundação da cidade de Roma (DAMIÃO, 2008, p.379). Logo a data fica entre o século VI e IV a.C.

¹² Atualmente, a ideia de Trindade é contestada em várias religiões que professam o Cristianismo. Por exemplo, PFANDL, G “a Igreja Adventista do Sétimo Dia não cria na doutrina da Trindade até muito tempo depois da morte de Ellen G. White”.¹ “Os pioneiros adventistas”, escreveu ele, “acreditavam que em um ponto longínquo da eternidade somente um Ser divino existia. Então esse Ser divino teve um Filho.” Dessa forma, Cristo teve um começo. Com respeito ao Espírito Santo, Allaback crê que Ele é o Espírito de Deus e de Cristo; não um outro Ser divino. <<http://centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-e-respostas-biblicas/a-trindade-na-biblia/>> Acesso em 15 maio. 2017.

resposta à grande difusão de ideias cristãs no Império Romano” (AMBALU, S., *et al*, 2016, p. 214).

Num teste de matemática, $1+1+1=3$, mas numa prova de teologia, não. Um dos mais conhecidos enigmas da religião cristã é a equação para descrever Deus: $1+1+1=1$, não 3. Grandes teólogos cristãos tiveram dificuldade para explicar como um único Deus por ser, ao mesmo tempo, três entidades distintas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo). No entanto, essa ideia, conhecida como Trindade, é um conceito central na teologia do Cristianismo, diferenciando-o de todas as outras religiões (AMBALU, S., *et al*, 2016, p.214).

Segundo Damiano (2008) para o Cristianismo, Jesus Cristo, foi o profeta mais importante de todos e, que sua vinda como Filho de Deus, fora profetizada por Moisés, no Antigo Testamento¹³. Sua vida foi simples, junto aos seus pais, irmãos e irmãs. Com os serviços de carpintaria ajudava nas despesas da casa. Entretanto, nunca deixou de lado os estudos das Escrituras do Antigo Testamento. Sempre marcado pelos ritos judaicos e pela profecia. Até os seus 12 anos passou por muitas situações, como a fuga para o Egito com sua família. Entretanto, quando alcançou a vida adulta, 30 anos, saiu de Nazaré na Galileia, para ser batizado no rio Jordão, “por seu primo João Batista, aceitando publicamente a sua tarefa messiânica na qualidade de filho de Deus e Salvados da humanidade [...]” (DAMIÃO, 2008, p.384).

Para Blainey (2012) O batismo significava a purificação dos pecados e a aproximação com Deus. João Batista relatou que ao batizá-lo uma pomba branca desceu do céu, confirmando a profecia que ele era o salvador do mundo. Jesus continuou seus ensinamentos, pregou ao ar livre ou em sinagogas, usou do dia a dia para pregar e se fazer compreendido pelos seus seguidores, deu exemplo da colheita, comparando-a com o dízimo. “O dízimo é uma contribuição voluntária, regular, periódica e proporcional aos rendimentos recebidos, que todo batizado deve assumir como obrigação pessoal” (MARÇAL, 2010, p.1). Em todos os ensinamentos, lançou-se de exemplos simples como o campo, agricultura e a vida cotidiana (BLAINEY, 2012).

¹³ A formação da Sagrada Escritura foi lenta e muito complicada. A maior parte dos seus livros são obra de muitas mãos e a composição de alguns deles durou séculos. Assim, o Pentateuco, marcado pelo cunho de Moisés, só conheceu a forma definitiva muitos séculos depois da sua morte (séc. V a.C.) [...]. Disponível em <http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Antigo_Testamento> Acesso em 15 maio. 2017.

Jesus compartilhou de opiniões a respeito da religião e política da época, as pessoas que seguiam a sua linha de raciocínio, tornaram-se seus seguidores, sendo chamados de discípulos de Jesus. As ideias de Jesus frutificaram, logo após sua morte (BLAINEY, 2012). Assim, Paulo, o apóstolo “um dos principais divulgadores da doutrina cristã, é o autor das Epístolas Paulinas, reunidas no novo testamento” (CONEGERO (s/a) p.1), deu caráter universal – conceito de católico - a nova religião. Para ele, a mensagem de Jesus era direcionada a todos os povos. Dessa maneira, o Cristianismo tornou-se uma religião autônoma. Não havendo mais a obrigação de seguirem os ritos do judaísmo.

Após tantos acontecimentos, o Cristianismo não era mais ignorado. De acordo com Ellul (2009) vários cidadãos ricos do império romano se converteram à nova religião. Pois ela pregava a igualdade e a liberdade, deixando de representar um perigo social. Pouco a pouco, a Igreja Católica foi sendo edificada e o clero organizado, com presbíteros, “são alguns dos mais maduros dos cristãos na congregação. Usam seu conhecimento e experiência para servir como modelos e ensinar o povo de Deus” (FONTES, 2005, p.5) e os bispos¹⁴.

Durante a dominação romana, por várias vezes, os cristãos foram perseguidos. A intolerância religiosa era acirrada contra os cultos judeus e cristãos. Pois, a fé de ambos era monoteísta e desprezavam a fé romana politeísta, não concordavam com a adoração de vários deuses e deusas que formava o panteão romano e muito menos a adoração ao imperador, que era considerado um deus vivo. O império romano tinha receio de que os cristãos e judeus seguissem os seus líderes religiosos ao invés das leis do estado romano (ALBERGARIA, 2010). Por esses atos de renúncia, o império começou a desconfiar que essa fé era um movimento perigoso e que poderia desestabilizar a ordem estabelecida no seu vasto território.

¹⁴ O bispo é o pastor da Igreja particular, responsável pelo ensinamento da Palavra de Deus, pela celebração da Eucaristia e demais sacramentos e pela animação e organização dos carismas e ministérios do Povo de Deus. Ele é obrigado a fazer a visita “*ad limina apostolorum*” à Roma, e ao Papa, de quatro em quatro anos, quando então apresenta à Santa Sé um relatório de sua diocese e é recebido pelo Papa. Os bispos são, em suas dioceses, o princípio visível e o fundamento da unidade com as outras dioceses e com a Igreja universal. É obrigado pelo Código de Direito Canônico da Igreja a pedir renúncia ao completar 75 anos. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2012/05/06/o-que-e-cardeal-bispo-arcebispo-conego-monsenhor>> Acesso em: 02 abr. 2017.

O autor ainda comenta que durante o império romano por volta de 278 d.C, com o fortalecimento da igreja católica os cristãos estabeleceram um código moral de conduta formulada pelos bispos e padres, isso era visto, pelos romanos, como uma tentativa de superioridade divina. No reinado de Séptimo Severo, o batismo se tornou um crime, várias propriedades cristãs foram confiscadas. Quanto mais o estado romano combatia a fé cristã, mais a religião se espalhava.

Em 313 d.C pelo Édito de Milão, “uma declaração na qual constava que o império romano deveria ser neutro em assuntos relacionados ao clero religioso” (CHAPA, 2003, p.3), o imperador Constantino I, juntamente com Licínio, “co-imperador de Constantino I” (CARLAN, s/a , p.28) concedeu a liberdade de culto aos cristãos. Alguns historiadores relatam que Constantino foi o primeiro Imperador romano a se tornar cristão, porém outros afirmam que ele nunca realmente aderiu à doutrina, somente foi tolerante à prática e se utilizou disso para vencer seus opositores (ALBERGARIA, 2010).

Em função da extensão territorial, os ataques dos povos bárbaros a Roma, a diversidade cultural que abrangia o império romano e a tetrarquia de Deocleciano¹⁵ não ter dado certo, o imperador Teodósio I, em 380 d.C., dividiu seu império em império romano ocidental, capital Roma, e oriental, capital Constantinopla, com essa medida acreditou-se num fortalecimento político (ANTHONY, 2012). Com essa decisão tomada pelo imperador, o Cristianismo foi oficializado com a religião do império romano, tanto no ocidente quanto no oriente (ALBERGARIA, 2010).

Percebe-se ao longo da história do Cristianismo, que a geopolítica se fez presente a cada movimentação dos imperadores romanos, desde a ocupação da província da Judeia. A manutenção e a conquista de novos territórios fizeram com que cada imperador se utilizasse de estratégias para sobrevivência no poder. A divisão do território romano em quatro partes iguais – a tetrarquia de Diocleciano, a reunificação por Constantino I e a divisão definitiva em duas partes por Teodósio I

¹⁵ Imperador originário da Dalmácia, não foi melhor dos generais romanos, mas foi um bom administrador e um hábil político. Perante as ameaças bárbaras, entretanto em acalmia por acordo com Roma, com um império vastíssimo e reinados cada vez mais fugazes e vazios, Diocleciano procurou descentralizar o governo, dividindo-o por quatro imperadores (dois Augustos e dois Césares, estes últimos mais jovens e destinados a suceder aos primeiros), cada qual recebendo um quarto do império onde deveria governar, embora sempre com o escopo da unidade do império e da preservação das velhas tradições e civilização romanas. (...) O sistema durou até 313, quando Constantino assumiu o poder imperial, unificando na sua pessoa. Disponível em <www.infopedia.pt/tetraquia> Acesso em 20 maio. 2017.

foram reorganizando os territórios e os arranjos geopolíticos com os países que surgiram a partir da oficialização da religião católica.

Findada a Idade Antiga, inicia-se Idade Alta Idade Média, com a chegada desse novo período histórico, vários fatos geopolíticos se descortinaram como a edificação da igreja, pela patrística, a invasão da península ibérica pelos mouros, o Grande Cisma e as cruzadas.

A partir do século V d.C., início da Alta Idade Média, começou a estruturação da igreja católica. Agostino de Hipona, o bispo de Hipona, cidade que se localizava na atual Argélia, mais conhecido como Santo Agostinho foi um filósofo cujo trabalho ajudou a fincar as bases da patrística. Essa filosofia adotada pela igreja católica contribuiu significativamente para a consolidação e expansão do Cristianismo (MACIEL, 2006). Para Nunes (2011) este período representou o pensamento dos padres da Igreja, que foram os construtores da teologia católica, guias e mestres da doutrina cristã, na qual tudo girava em torno de Deus, da religião e da fé.

Os mouros precisaram de menos de uma década para dominar a região da península ibérica, que ficou sob seu controle durante quase oito séculos. Essa invasão começou em 711 e três anos depois já dominava a maior parte do território da península Ibérica, para terminar definitivamente apenas em 1492. O que mais chama a atenção é que essa ocupação foi incentivada pelo mesmo povo que habitava a região. Os visigodos, como eram chamados, tinham origem germânica, mas haviam se convertido ao Cristianismo e viviam envolvidos em disputas internas. Durante mais de 20 anos, o avanço mouro enfrentou pouca resistência e só foi barrado pelos francos, povo cristão que habitava o território francês, a menos de 300 quilômetros, onde hoje fica Paris (NAVARRO, 2011).

Narravo (2011) ainda comenta que alguns historiadores batizaram a ofensiva contra os mouros como reconquista que ganhou muita força nos dois séculos seguintes e, por volta de 1250, os cristãos conseguiram recuperar a maior parte da península. A arquitetura e a engenharia naval são apenas dois exemplos importantes de contribuição dos invasores aos futuros impérios mundiais estabelecidos pelos navegadores espanhóis e portugueses.

Além disso, estilos musicais como o flamenco e o fado nasceram influenciados por ritmos e instrumentos mouros o violão, por exemplo, deriva de

antigos instrumentos árabes. Apesar da invasão, a península ibérica teve benefícios com os mouros. Não foi a toa que Espanha e Portugal tornaram-se potenciais navais na modernidade.

Apesar de todas essas mudanças e ganhos de costumes com a invasão dos mouros, a maior mudança foi no âmbito religioso, durante o período que ficou conhecido como o Grande Cisma ou Cisma do Oriente. Neste período ocorreu a divisão da igreja do oriente, a igreja se divide entre católica romana e católica ortodoxa grega, por conta disso houve uma variação de cristão (ANTHONY, 2012).

O Cisma do Oriente ocorreu devido o constante distanciamento entre as práticas religiosas cristãs, realizadas pelas duas vertentes do catolicismo. Além de representar uma disputa pelo poder político e econômico na região mediterrânica (PINTO, s/a).

Logo após o Grande Cisma (1054) teve início às cruzadas (1095), envolvendo duas religiões, o Cristianismo e o Islã. Percebe-se que a partir daí a geopolítica para manter as relações de poderes e conquistas de territórios, pautou-se sobre a religião e a fé, quando foi decidido, pela igreja católica, a retomada o seu do território sagrado que estava nas mãos dos infiéis praticantes do Islã.

2.1.2 ISLÃ E SUA HISTÓRIA: DESVENDANDO-O PARA O OCIDENTE

O Islã é a terceira religião monoteísta ao lado do judaísmo e do Cristianismo. Etimologicamente Islã significa submissão a Deus e o Muçulmano é aquele que se submete e se rende diante de Alá (GLAAB, 2008).

Seu surgimento foi no século VI, no atual Oriente Médio. Habitado na época, por cerca de cinco milhões de pessoas, essa região foi organizadas em clãs¹⁶ (MUBARAK, 2009). Os clãs reunidos formavam as tribos¹⁷. Entretanto, eles variavam de importância, pois segundo os costumes, o clã mais poderoso era aquele que possuía mais membros e tinha o comerciante mais rico. Essas sociedades tinham culturas diferentes, apesar de falarem um mesmo idioma,

¹⁶ Clã: Grupo de pessoas unidas por parentesco (SILVA, 2003 p.1).

¹⁷ Tribos: Grupo social da mesma etnia, que vive em comunidade sob a autoridade de um ou mais chefes e compartilha a mesma língua e os mesmos costumes (CALIXTO, 2002 p.10).

realizavam o comércio por meio das viagens que faziam pelo deserto, como os povos coraixitas¹⁸ (COGGIOLA, 2007).

O profeta Muhammad nasceu em Makka, no ano de 570. Órfão de pai e mãe foi cuidado pelo seu tio, que pertencia à tribo *Quraish*. Conforme o profeta ia crescendo, se tornou reconhecido por ser uma pessoa muito generosa e sincera. Devido a essas qualidades, ele era muito procurado para mediar discórdias. Muhammad era de uma natureza extremamente religiosa e tinha o hábito de meditar na caverna de Hira, perto do topo do *Jabal Na Nur*, a Montanha da luz de Makka. (PHILIPS s/a).

Muhammad desde muito novo teve indícios de que seria um profeta. Seu modo de vida exemplar acabou chamando à atenção de Khadija, mulher quinze anos mais velha, com quem passou a trabalhar. Ela tornou-se sua esposa e mãe de seus três filhos e quatro filhas, inclusive de Fátima, que casa com Ali seu primo, seu sucessor (FERREIRA, 2003).

Por volta do ano 610, aos quarenta anos de idade Muhammad, enquanto, estava em um retiro meditativo recebeu sua primeira revelação de Deus, por intermédio do anjo Gabriel. Para Philips (s/a) essa revelação não se limitava somente ao alcorão, que segundo Ambalu (2016) é escritura sagrada do Islã e a palavra máxima e inquestionável de Deus.

Philips (s/a) ressalta que a revelação não se limitava somente no Alcorão, mas sim em muitas dimensões, incluindo a *Sunnah*, tradição profética que é constituída de palavras, atos e aprovação sobre determinados assuntos, separando a verdade da falsidade, evidenciando o caminho correto. A revelação do alcorão foi considerada a parte mais importante e direta a Muhammad, mas isso não é tudo, o anjo continuou durante 23 anos revelando o sagrado alcorão em partes ao profeta, que posteriormente foi memorizada pelos seguidores mais próximos (AMBALU, S. et. al 2016, p. 250).

As *Sunnah* ou *Hadith* são a segunda fonte da qual os ensinamentos do Islã são esboçados. *Hadith* significa literalmente um dito transmitido ao homem, mas em terminologia islâmica significa os ditos do profeta (paz esteja com ele), sua ação ou

¹⁸ Povos coraixitas: eram os integrantes de uma tribo árabe dominante na cidade de Meca, durante o surgimento do islamismo (HAYEK, 2011, p.2).

prática de sua aprovação silenciosa da ação ou prática. São usadas intercaladamente, mas em alguns casos são usados com significados diferentes (ALA-MUALA, 2014).

O Alcorão está dividido em trinta partes iguais, que são chamadas de *juz* em árabe. São 114 suratas (capítulos), de tamanhos variados, a mais longa é a *Al-Bácar*, a Vaca, que consiste de 286 versículos, e a mais curta é *Al-Cauçar*, a Abundância, de apenas 3 versículos. Todo o Alcorão contém 6.666 versículos, com 323671 letras. Os capítulos revelados antes da migração do Profeta para Medina são chamados de Meca, e os revelados após a migração, de Medina. (islamismo.org/o_alcorao_sagrado, 2017, p.1).

Depois de Muhammad ter pregado publicamente por mais de uma década, a oposição a ele alcançou um nível muito extremo que, temeroso e pela segurança de seus adeptos, enviou-os para a Etiópia. Lá, o governante cristão ofereceu proteção, memória que tem sido apreciada pelos muçulmanos desde então. Mas em Meca a perseguição piorou. Os seguidores de Muhammad eram assediados, abusados e até torturados. Por fim, setenta dos seguidores de Muhammad partiram, obedecendo a suas ordens, para a cidade de Yathrib com esperança de estabelecerem uma nova etapa do movimento islâmico. A cidade foi posteriormente chamada de Medina. Posteriormente, no início do outono de 622, ele, com seu amigo mais próximo, Abu Bakr ¹⁹ al-Siddiq, partiu para se juntar aos emigrantes. Esse evento coincidiu com o plano dos líderes de Meca para matá-lo (NAWWAB, SPEERS, HOYE, 2009).

Em Meca os conspiradores chegaram até a casa de Muhammad e descobriram que seu primo, Ali, teria tomado seu lugar na cama. Com raiva, os mecenos colocaram um preço na cabeça de Muhammad e partiram em sua perseguição. Muhammad e Abu Bakr, entretanto, conseguiram refúgio em uma caverna, onde se esconderam de seus perseguidores. Os mecenos passaram pela caverna sem notá-los e Muhammad e Abu Bakr seguiram para Medina. Lá foram recebidos com alegria, por uma multidão de medinenses, e também de mecenos que tinham ido à frente para preparar o caminho (NAWWAB, SPEERS, HOYE, 2009).

¹⁹ Abu Bark: Abu Bakr foi conselheiro do profeta Muhammad fundador do islã. Depois da morte do profeta, tornou-se o líder do mundo muçulmano. Ele é conhecido como o primeiro califa (FAKIR, s/a, p.15).

Ainda para os autores essa fuga ficou conhecida como Hégira. Foi uma migração minuciosa que marca não somente uma interrupção na história, começo da era islâmica, mas também para Muhammad e os muçulmanos, um novo estilo de vida. Daqui para frente o princípio organizacional da comunidade não era o de mero laço de sangue, mas a irmandade maior de todos os muçulmanos. Os homens que acompanharam Muhammad na Hégira foram chamados de muhajirun

Muhammad estava informado sobre a situação em Medina. Antes da Hégira, várias pessoas vieram à Meca para oferecer a peregrinação anual, era de costume o profeta aproveitar a situação para convidar mais seguidores para o Islã, por conta disso Muhammad recebeu um convite para se estabelecer em Medina. Depois da Hégira as qualidades excepcionais de Muhammad impressionaram tanto os habitantes de Medina que as tribos rivais e seus aliados se uniram quando, em 15 de março de 624, Muhammad e seus apoiadores se movimentaram contra os pagãos de Meca (NAWWAB, SPEERS, HOYE, 2009).

Foi por volta desse período que Muhammad enviou cartas aos governantes da Pérsia, o imperador de Bizâncio²⁰, o Négus da Abissínia²¹, e o governador do Egito entre outros, convidando-os a se converterem ao Islã e partirem em peregrinação à Meca. Muhammad fez fortes alianças entre as tribos que, em 628, ele e quinze mil seguidores exigiram a entrada à cidade sagrada e o acesso à Caaba²².

Após esse feito, um ano depois, conquistou Meca, sem derramamento de sangue com espírito de tolerância, que estabeleceu um ideal para conquistas futuras. Em 632, três anos depois da retomada de Meca, Muhammad morreu na presença de sua terceira esposa Aisha.

O acesso à Caaba foi um marco para o Islã. Pois ela era e continua sendo um geossímbolo islâmico. Entende-se por geossímbolo como “um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos

²⁰ Bizâncio: Cidade da Grécia Antiga (BUSSUNDA, s/a, p.2)

²¹ Abissínia: Foi um império que ocupou os presentes territórios da Etiópia e da Eritreia (KOHLRAUSCH, 2008 p,1).

²² [...] estrutura em forma de cubo, que fica no centro da Grande Mesquita de Meca. [...] foi originalmente construída por Ibrahim (Abraão em árabe) e seu filho Ismail (Ismael) para guardar uma pedra negra recebida do anjo Gabriel. [...] simboliza a aliança de Deus com Ismail (AMBALU, S. et. al, 2016, p. 268).

de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que fortalece sua identidade” (BONNEMAISON, 2002, p.109). Ver (figura 01).

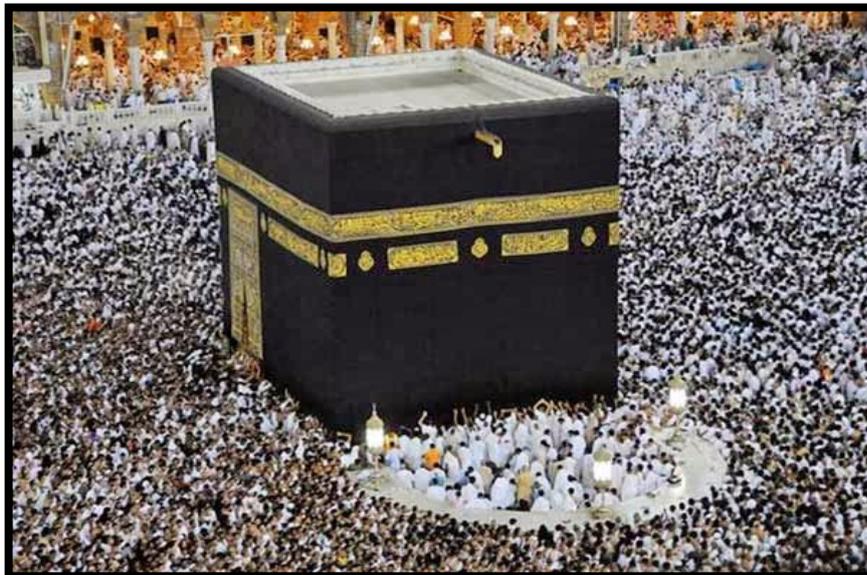


Figura 01: Caaba – Geossímbolo dos Muçumanos

Fonte: < <http://fatoefarsa.blogspot.com.br/2014/02/voce-conhece-um-pouco-sobre-caaba-pedra.html>>

Pode-se observar que as investidas de Muhammad ocorreram com fortes estratégias políticas, quando convida governantes de territórios fronteiriços a se unirem ao Islã. Com essas alianças entrou e conquistou Meca, traçando, assim, uma nova geopolítica para os muçumanos. Entretanto, a sua morte, trouxe uma incógnita para as frentes de liderança da religião (SAWWAB, SPEERS, HOYE, 2009) Havia quatro candidatos a sucessão sendo eles:

1. Abu Bakr, sogro de Muhammad
2. Assidiq, um companheiro durante as viagens a Medina,
3. Umar ibn al- Khattab, um companheiro confiável
4. Ali ibn Abi Talib, primo e genro de Muhammad.

Os autores enfatizam que em um encontro ocorrido para decidir a nova liderança, Umar pegou a mão de Abu Bakr e deu sua aliança a ele, o sinal tradicional de reconhecimento de um novo líder. Até o anoitecer, todos concordaram e Abu Bakr foi reconhecido como o califa de Muhammad. Califa é uma palavra que significa “sucessor”, mas também sugere qual seria seu papel histórico: governar de acordo com o Alcorão e a prática do Profeta.

Ainda para os autores, o califado de Abu Bakr foi bem curto, mas importante. Um líder exemplar viveu de maneira simples, cumprindo frequentemente suas obrigações religiosas, e era compreensível e solidário com seu povo. Mas também se manteve firme, quando algumas tribos, que eram adeptos ao Islã apenas nominalmente, renunciaram a ele após a morte do Profeta Muhammad. No que foi uma realização de maior significância, Abu Bakr os disciplinou rapidamente.

O segundo califa, Umar, nomeado por Abu Bakr continuou a demonstrar essa prestatividade. Adotando o título de Comandantes dos Crentes, Umar estendeu o governo temporal do Islã até a Síria, Egito, Iraque e Pérsia no que, do ponto de vista puramente militar, foram vitórias surpreendentes. Dentro de quatro anos, após a morte do Profeta, o estado muçulmano tinha se estendido sobre toda a Síria e, em uma famosa batalha durante uma tempestade de areia próxima ao rio Yarmuk, enfraqueceu o poder dos bizantinos, cujo governante, Heráclito, havia recusado pouco tempo antes o chamado para aceitar o Islã (SAWWAB, SPEERS, HOYE, 2009, p.4).

Ainda para os autores, Umar recebeu a palavra de que os bizantinos estavam prontos a entregar Jerusalém. Em seguida, ele cavalgou até lá para aceitar a rendição em pessoa. De acordo com os relatos, ele entrou na cidade sozinho, vestindo um manto simples, surpreendendo o povo, surpreendeu-os ainda mais quando acalmou seus temores ao negociar um tratado generoso no qual lhes disse: “Em nome de Deus... vocês têm total segurança para suas igrejas, que não devem ser ocupadas ou destruídas pelos muçulmanos”.

Umar, também adotou essa atitude em questões administrativas. Embora tenha nomeado governadores muçulmanos para as novas províncias, as administrações bizantinas e persas existentes foram mantidas sempre que possível. Por cinquenta anos, de fato, o grego permaneceu o idioma de chancelaria da Síria, Egito e Palestina, enquanto que o Pahlavi, o idioma de chancelaria dos sassânidas, continuou a ser usado na Mesopotâmia e Pérsia (SAWWAB, SPEERS, HOYE, 2009).

O autor finaliza dizendo que Umar foi califa por dez anos, encerrou seu governo com uma vitória significativa sobre o Império Persa. A luta com o reino sassânida começou em 686, em al-Qadisiyah, próximo de Ctesifonte no Iraque, no qual a cavalaria muçulmana tinha lidado de forma bem sucedida com os elefantes,

usados pelos persas como um tipo de tanques primitivos. Agora com a Batalha de Conquista, Umar selou o destino da Pérsia, desse dia em diante se tornou uma das províncias mais importantes no Império Islâmico. Seu califado foi um ponto alto no início da história islâmica. Ficou famoso por sua justiça, ideais sociais, administração e arte de governar. Suas inovações deixaram uma marca permanente sobre o bem-estar social, tributos, e a estrutura financeira e administrativa do império em desenvolvimento.

O segundo califa foi morto a facadas por um servo, Abu Lu'lu'ah, um mágico persa, quando liderava a oração de Fajr. Enquanto Umar estava em seu leito de morte, as pessoas que estavam à sua volta pediram que apontasse seu sucessor. Umar nomeou um comitê de seis pessoas para escolherem o próximo califa, entre eles estavam Ali ibn Abi Talib, Uthman ibn Affan, Abdur-Rahman ibn Awf, Sad ibn Abi Waqqas, Az-Zubayr ibn Al-Awam, e Talhah ibn Ubayd Allah, que estavam entre os eminentes Companheiros do Profeta (ABDULLAH, 2009).

Conforme Abdullah (2009) as instruções de Umar eram que o Comitê de Eleição escolhesse o sucessor dentro de três dias, Abdur-Rahman ibn Awf ofereceu abrir mão de sua reivindicação, se os outros concordassem em aceitar sua decisão. Todos de acordo em deixarem que Abdur-Rahman escolhesse o novo califa. Ele entrevistou um por um dos nomeados e saiu por Medina perguntando às pessoas sua escolha. Finalmente selecionou Uthman como o novo califa.

Mediante a tradição narrada por Abdallah ibn 'Umar ibn al-Khattab, um dos companheiros de Muhammad, ele compilou o Islã “em cinco princípios: “Testemunhar que não há outro Deus além de Alá e que Maomé é seu mensageiro, orar cinco vezes ao dia, fazer caridade; fazer a peregrinação à Meca; e observar o jejum durante o mês de Ramadã” (AMBALU, S. *et. al.*, 2016, p. 264). Ou seja, *Shahada* – Profissão da fé, *Salat* – oração, *Zakat* – Caridade, *Sawn* – Jejum e *Haji* – Peregrinação à Meca.

A dinastia Abassica, que por volta de 750 d.C começou quando Abul Abbas assumiu o califado, marcou a história do Islã. Tanto ele como seu sucessor, Abu Jafar al-Mansur, consolidaram o poder e iniciaram uma série de mudanças administrativas que iriam caracterizar a forma de governo islâmico pelos próximos séculos (BAPTISTA, 2009).

Na atualidade o Islã é tratado com uma divisão, os sunitas e xiitas, cada um atuante em uma corrente diferente com ideologias diferentes, entretanto, uma das correntes se destaca por interpretações errôneas do alcorão ocasionando guerras extremas em seus países de origem.

A divisão sunita e xiita da atualidade tiveram origem em uma disputa logo após a morte do profeta Muhammad, como já foi pautado acima sobre quem deveria liderar a comunidade muçulmana. A grande maioria dos muçulmanos é sunita, estima-se que entre 85% e 90%. Membros das duas vertentes coexistem há séculos e compartilham muitas práticas e crenças fundamentais. Sunitas e xiitas são de correntes diferentes umas das outras, os muçulmanos sunitas se consideram o ramo ortodoxo e tradicionalista do Islã. A palavra sunita vem de *Ahl al-Sunna*, ou as pessoas da tradição. A tradição, neste caso, refere-se a práticas baseadas em precedentes ou relatos das ações do profeta Muhammad e daqueles próximos a ele (SITE BBC BRASIL, 2016).

Segundo o site BBC Brasil (2016), nos primórdios da história islâmica os xiitas eram uma facção política do partido de Ali. Os xiitas reivindicavam o direito de Ali, genro do profeta Muhammad, e de seus descendentes de guiar a comunidade islâmica. Ali foi morto como resultado de intrigas, violência e guerra civil que marcaram seu califado.

Para hoje essa divisão está tão evidente, por causa da expansão da religião. Logo após a morte de Muhammad o papel de expandir o Islã ficou na mão de seus sucessores, quando Umar assumiu o poder, ele iniciou a primeira fase de expansão do Islã conquistando através de sangrentas batalhas alguns territórios.

Nota-se que essa expansão foi muito rápida, em pouco tempo ocupou vários territórios redimensionando a geopolítica protagonizada por Muhammad. O processo de expansão do Islã alcançou pontos extremos. As campanhas militares levaram a religião muçulmana por uma enorme extensão territorial, que ia desde a Ásia até a Europa Ocidental (TAUBE, 2012). No quadro 2 pode-se observar os períodos que ocorreram o processo de expansão

Quadro 01: Processo de expansão do território Islã.

Primeira (632-661)	Conquista da Síria, Pérsia e Egito.
Segunda (661-750)	Através da dinastia dos omíadas,

	conquistaram o norte da África e a Península Ibérica.
Terceira (750-1258)	Através da dinastia dos Abássidas, ampliaram em direção ao ocidente.

Fonte: (OLIVEIRA, 2015).

O autor enfatiza que muito embora não tenham conseguido dobrar a resistência bizantina no mar, devido à superioridade da marinha de Constantinopla, os árabes conseguiram o controle das rotas comerciais para a Índia e a Ásia Central, com a conquista do Império Pérsia (Irã). Conseguiram, portanto, a hegemonia econômica no mediterrâneo. Na contemporaneidade a expansão dos ensinamentos corânicos chegou a outros continentes, como o americano. Aportando, também, no Brasil.

2.1.3 O ISLÃ NO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA

O Islã chegou ao Brasil colonial, escravos maleses que eram muçulmanos. Localizados principalmente na região de Salvador, na Bahia, a participação do malês nas revoltas contra a escravidão é observada, sobretudo, em 1835. No entanto, a atual presença muçulmana no Brasil é, notadamente, da segunda metade do século XIX, com a imigração de sírios, libaneses e turcos portadores de documentos de identidade emitidos pela administração do Império Otomano, o que explica a denominação turca (WAMIEZ, BRUSTLEIN, 2001).

O autor salienta que os primeiros sírios e libaneses chegaram ao Brasil no ano de 1860, segundo as estatísticas o fluxo de imigrantes não para de crescer, até à véspera da Primeira Guerra Mundial, cerca de onze mil pessoas foram registradas em 1913. Na década de 20, até à Grande Depressão contava-se em torno de cinco mil entradas por ano. No recenseamento de 1920, o Estado de São Paulo apresentava cerca de vinte mil sírios e libaneses, aproximadamente 40% do total nacional. A cidade de São Paulo acolhia seis mil, principalmente nos bairros centrais da Sé e de Santa Ifigênia. Além da capital paulista, numerosos grupos se estabeleceram em São José do Rio Preto, Santos, Barretos e Campinas.

No Brasil, as pesquisas realizadas a cada década, sobre o recenseamento demográfico tem como avaliar a importância relativa das religiões. Ainda que a

qualidade dos recenseamentos possa ser questionada em razão da dificuldade de se fazer pesquisa em um país com as dimensões do Brasil, trata-se sem dúvida de uma fonte de informação preciosa, em função de sua profundidade histórica, representatividade demográfica e exaustividade geográfica (AMARAL, 2014).

Segundo o autor a população muçulmana residente no Brasil em 1991, era majoritariamente urbana (99,4% contra 74,6% para o total dos brasileiros), masculina (59,5% contra 48,5% para a população urbana e 49,4%) para o conjunto dos brasileiros, e de cor branca (87,9% contra 51,6%) para a totalidade dos brasileiros. Como a população muçulmana vive quase totalmente nas cidades, suas características socioeconômicas serão comparadas somente com as da população urbana brasileira.

De acordo com as pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) realizadas no Brasil durante os anos de 2010 e 2011, aponta que o número de seguidores do Islã no Brasil é de 27 mil, o número de convertidos cresceu 25% na nação, algumas entidades Islâmicas desconcordam desses números, pode citar como exemplo a Federação Islâmica Brasileira, que aponta a existência de 1,5 milhão de seguidores do Islã no Brasil (ARAUJO, s/a).

Em todo o País, estima-se que existam oitenta centros islâmicos e cerca de 50 mesquitas. No Brasil a mais antiga é a Mesquita Brasil ver (figura 02).

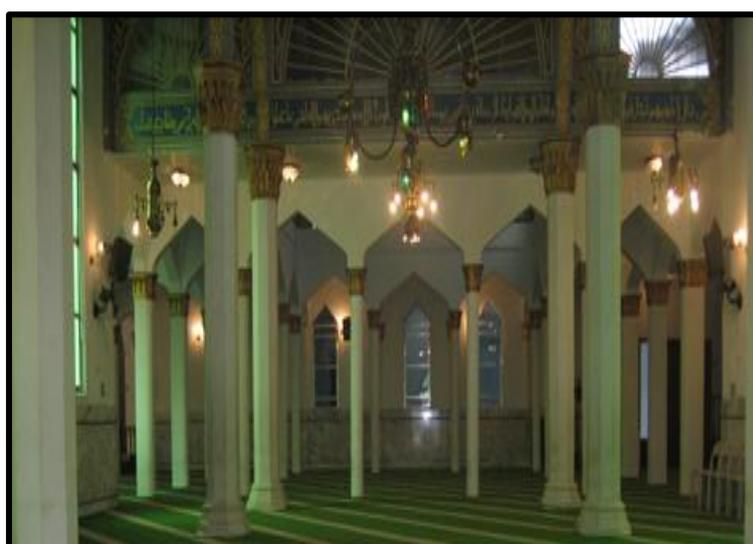


Figura 02: Mesquita do Brasil, Bairro do Cambuci em São Paulo
Fonte: <<http://www.cidadedesao paulo.com/sp/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/3067-mesquita-brasil>>

Suas atividades foram iniciadas em 1927, atualmente, considerada a mais importante da América Latina. Nas cidades Foz do Iguaçu, Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo é possível encontrar as mais populosas comunidades de muçulmanos no Brasil. Em Foz do Iguaçu, por exemplo, existe uma quantidade significativa de adeptos a religião. Em São Paulo existem 10 mesquitas, sendo que a mais antiga é a Mesquita Brasil. (ARAUJO, s/a).

3 AS CRUZADAS, EM NOME DE DEUS: O VERSO E REVERSO DESSES MOVIMENTOS MILITARES MEDIEVAIS

As cruzadas (1096-1270) foram movimentos militares entre os cristãos e os muçumanos, que aconteceram em um momento que a igreja católica estava fragilizada na Europa. Um dos fatores que levaram a essa Guerra Santa foi o interesse católico em unir forças com o Império Bizantino ou Império Romano do Oriente. No entanto, havia os anseios voltados à economia. Também, havia a justificativa cristã de que essas lutas tinham a finalidade de libertar das mãos dos turcos muçumanos, o santo sepulcro localizado em Jerusalém, atual Palestina (AUXILIADORA, 2013).

As cruzadas foram protagonizadas pelo Papa Urbano II no ano de 1095, por meio de uma convocação, com o intuito de reconquistar a Terra Santa, que estava sob o domínio dos turcos-muçulmanos. Contudo, observou-se que os objetivos escusos eram a conquista de novas terras para a nobreza feudal, a luta contra a miséria pelos camponeses e por parte da santidade o Papa Urbano II, tentando nesse mesmo momento reestabelecer seu respeito e autoridade, perdido com a corrupção por parte de muitos abades e bispos que levavam uma vida luxuosa despertando a desconfiança da sociedade (SANTOS, 2006).

O autor reforça a ideia de uma luta em prol de outros objetivos além dos religiosos. Para ele essas lutas procuravam estabelecer uma rota comercial segura para o Oriente Médio com bases ocidentais, garantindo o fortalecimento dos produtos orientais para um mercado europeu crescente. Essas cruzadas durariam mais de 200 anos, onde, crianças, nobres, camponeses e até mendigos participariam, buscando nessa luta uma opção a uma vida social e econômica melhor para essas pessoas (CARTES, s/a).

Cartes (s/a) diz que essa crise se iniciou ainda no final do século IX, quando os turcos-muçumanos tomaram a Palestina e proibiram a entrada dos cristãos na Terra Santa. Contudo, não teria só uma primeira cruzada em nome de Deus, muitas outras vieram, totalizando oito cruzadas, como mostra a (figura 03). Porém, observa-se que nem todas seguiam até o fim com o objetivo final.

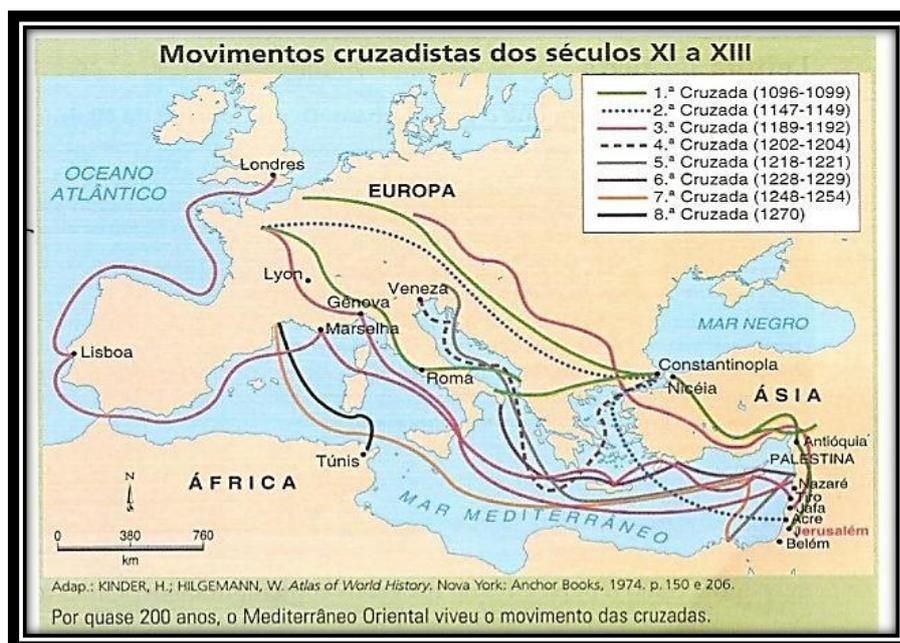


Figura 03: Movimentos das cruzadas no século XI à XIII

Fonte: <http://www.apoioescolar24horas.com.br/salaaula/estudos/historia/622_cruzadas/>

Muitos foram os fatores que marcaram as cruzadas. Para os autores, uma cruzada desencadeou outra, cada uma com um propósito diferente. No entanto, as oito tinham o mesmo pano de fundo, a necessidade de se combater os infiéis (MICHAUD, s/a).

O quadro 02 mostra a cronologia desse movimento medieval.

Quadro 02: Objetivo das cruzadas.

1ª Cruzada (1096-1099)	Teve início após a declaração do Papa Urbano II no eclesiástico Clermont na França.
2ª Cruzada (1147-1149)	Foi de iniciativa de São Bernardo em disputas internas e como estavam distantes de suas bases europeias os turcos armaram um contra-ataque e reconquistaram.
3ª Cruzada (1189-1192)	Foi um acordo firmado entre Cristãos e Muçulmanos garante aos cruzados o direito de posse do litoral sírio-palestino.
4ª Cruzada (1202-1204)	Marcada por interesses comerciais dos venezianos associados à nobreza, abandonou o objetivo de conquistar a Terra Santa.
5ª Cruzada (1217-1221)	Chefiada primeiro por André II, rei da Hungria e depois por João Brienne, não conseguiu suportar as enchentes do rio Nilo, no Egito, e viu-se obrigada a desistir de seus objetivos.
6ª Cruzada (1228-1229)	Teve como líder o Imperador Frederico II que partiu em 1227, adoeceu e retornou.

7° Cruzada (1248-1250)	Foi organizada a partir de pregação de Inocêncio IV, feita no Concílio de Lyon (1245) teve por comandante Luís IX, de França.
8° Cruzada (1270)	Também foi comandada por Luís IX. A situação no Oriente Próximo apresentava-se bem mais complicada que em qualquer outro período anterior às demais Cruzadas.

Fonte: Autora (2017).

Na época das cruzadas, a cristandade tinha todo um suporte, contava com o apoio dos cavaleiros templários, que eram os guerreiros dos cristãos, suas roupas e suas armas eram personalizadas com cruz vermelha estampada do lado esquerdo, no coração. Esse símbolo representava para eles como uma ordem cristã, da qual não deveriam fugir da luta (SILVA, s/a). Os templários era uma ordem militar criada em 1118, por Hugo Payens, fidalgo francês da região de Champagne (CARTES, s/a).

A (figura 04) mostra os combate, de um lado a bandeira branca com a cruz vermelha ao centro, os cristãos, e do outro lado com bandeiras vermelhas e a crescente ao centro, os turcos-muçulmanos.



Figura 04: Cavaleiros templários e muçulmanos durante as cruzadas
 Fonte:< <http://luitiepolo.blogspot.com.br/2012/10/templarios-cruzadas.html>>

Os cavaleiros templários eram soldados seguidores de Cristo e do templo de Salomão. Tinham a missão de defender, propagar a fé cristã e proteger os peregrinos e viajantes cristãos. Esse grupo de soldados se iniciou no ano de 1118, formado por nove cavaleiros. O nome os templários surgiu devido serem cavaleiros e por viverem nas ruínas do antigo templo de Salomão (SILVA, s/a). Os cristãos usaram de muitas estratégias para combater os muçulmanos, uma delas, os templários. Necessitavam delas, pois não poderiam entrar no território sagrado da Terra Santa, para suas peregrinações ao Santo Sepulcro, uma vez que ela estava sob o domínio dos muçulmanos (BETENCOURT, 2007).

Muitos fatores desencadearam as investidas dos cristãos contra os infiéis, mas o ponto nevrálgico foi segundo Betencourt (2007) a decisão dos muçulmanos em destruir o seu geossímbolo. A geopolítica de Jerusalém era bem complexa, pois nesse momento histórico, convergiam as três religiões monoteístas, nesse território sagrado. Nele coexistiam os geossímbolos do Cristianismo, do judaísmo e do Islã.

Na (figura 05) temos o geossímbolo cristão católico. De acordo com Carvalho (2006) está localizada no quarteirão cristão da cidade antiga. Segundo a tradição é o local onde Jesus Cristo teria sido crucificado e sepultado.

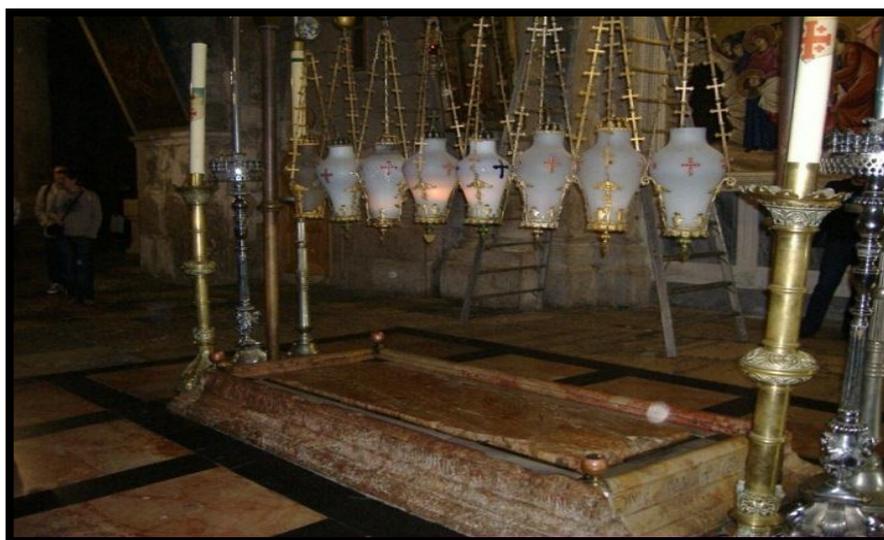


Figura 05: Igreja do Santo Sepulcro

Fonte: < <http://catholicus.org.br/igrejas-iniciam-restauracao-do-santo-sepulcro/> >

Jerusalém era um ícone de fé para os cristãos, devido à igreja do Santo Sepulcro ser erigida lá, para os muçulmanos foi aí que Muhammad ascendeu aos céus, no qual foi construído o domo²³ da rocha para representar esse momento, e por fim para os judeus, o templo de Jerusalém ou como é mais conhecido Muro das Lamentações. Nesse, momento das cruzadas, era o Cristianismo católico que ditava as condutas da fé, do poder e da geopolítica (ANDRADE, s/a).

O Domo da Rocha (também conhecido como a Cúpula da Rocha) é um santuário muçulmano. Foi construído no Monte do Templo em Jerusalém em 691 d.C.. Ele faz parte da maior área sagrada muçulmana que ocupa uma grande proporção do Monte Moriá no coração de Jerusalém.

Alguns acreditam que o Domo da Rocha, ver (figura 06) foi construído porque segundo a religião muçulmana, o profeta Muhammad foi levado ao Monte Moriá pelo anjo Gabriel e de lá subiu ao céu e encontrou todos os profetas que o precederam. Quando o Estado de Israel assumiu o controle sobre essa parte de Jerusalém após a guerra dos seis dias, em 1967, os líderes israelenses permitiram que o Islã tivesse autoridade sobre o Monte do Templo e o Domo da Rocha como forma de ajudar a manter a paz (MARTINELLI, 1996).



Figura 06: O domo de Rocha, lugar onde Muhammad ascendeu aos céus
Fonte: < <http://www.pablocapistrano.com.br/2010/01/25/o-corao-uma-biografia/domo-da-rocha/> >

O Muro das Lamentações (figura 07) é considerado o lugar mais sagrado da Terra Santa pelos judeus. A importância se dá porque é a única parte que sobrou da

²³ Elevação do solo com a forma acentuada de uma meia esfera (GUERRA, 1980, p.142).

destruição do Templo de Salomão, o primeiro construído em Jerusalém para abrigar a Arca da Aliança e local de culto a Deus (CRISTIAN, 2010).



Figura 07: Muro das Lamentações

Fonte: < <http://www.iadcg.org/portal/artigos/190-artigos/1784-miguel-quevedo> >

A destruição dos lugares sagrados pelos infiéis foi considerada um motivo plausível para cruzadas, a partir da cosmovisão ocidental. Todavia, é muito importante entender a cosmovisão oriental dessa história. Para Barreto (2008) os muçulmanos dividiram as cruzadas em três partes, sendo a primeira a invasão, a segunda a reunificação e a terceira Sursi, para os povos árabes não era novidade os conflitos envolvendo os europeus, pois desde a expansão do califado conhecido como califado Omiada que aconteceu na crescente fértil os conflitos com os bizantinos eram constantes.

A invasão relata a chegada das primeiras tropas armadas nos territórios islâmicos. O autor também relata a segunda parte, que é A Ocupação (1100-1128) foi constituído pela consolidação dos domínios dos franj com o Reino de Jerusalém, o Condado de Edessa e o Principado de Antioquia, bem como a preparação para a criação de um novo estado franco; o Condado de Trípoli. No terceiro momento, A Resposta ou Sursi (1128-1146) observa-se que surgiu respostas efetivas, iniciadas com Buri e sequenciadas por Zinki, senhor de Alepo e Mossul (ZATA s/a).

Outro fato a se destacar sobre a visão árabe conforme Zata (s/a), durante um período de 200 anos o povo árabe não conseguiu vencer os invasores. Isso

mudou com a chegada de Zanki, um homem muito competente destinado a liderar. Entretanto, foi a partir do governo de seu filho, Nur ad-Din que surgiu o conceito de luta religiosa contra os invasores cruzados e dessa forma conseguiram expulsá-los das terras palestinas sendo considerado um grande herói (BARRETO, 2008).

A cosmovisão oriental e ocidental são bem diferentes. Elas dão enfoques distintos para contar o início desse conflito. Mesmo com o passar dos anos, para muitos essa história não caiu no esquecimento e isso acaba sendo o principal motivo para que hoje em pleno século XXI ainda exista desavenças entre esses dois povos (BARRETO, 2008). Mesmo depois do fim das cruzadas os conflitos envolvendo cristãos e muçulmanos, para o autor, ainda estão em evidência, porém, com objetivos diferentes e com outro nome, denominado como terrorismo. Estão se tornando rotineiras as manchetes em jornais sobre grupos terroristas fortemente armados fazendo vítima em várias partes do mundo, alguns em específicos usam os conflitos do passado para justificar os atos da atualidade.

4 O ESTADO ISLÂMICO: OS INTERESSES GEOPOLÍTICOS NA CONTEMPORANEIDADE

Falar sobre conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos, ainda gera muita polêmica. Ainda mais, quando o tema é o grupo terrorista extremista, Estado Islâmico (EI). Tornar-se difícil pois, estão em pauta, novamente, as brigas enfatizadas pela cosmovisão do ocidente e oriente.

O Estado Islâmico teve origem com a crise política que aconteceu no Iraque na época da Guerra que alastrou o país em 2003. Em março de 2011, esse grupo terrorista anunciou um nome, Abu A-Baghdadi, o qual seria o novo califa. Entretanto, esse grupo não tinha um território definido para constituir seu califado. Apoderou-se, então, da região noroeste do Iraque e em parte da região central da Síria. O título de califa era dado aos antigos sucessores de Muhammad, que possuíam autoridade política legitimada pela religião islâmica (FUCCILE, s/a). O Estado Islâmico, desde então, vem sendo constantemente notícia na mídia ocidental, pelas investidas cruéis contra civis e não muçulmanos para controle desses territórios. Como mostra a (figura 08).

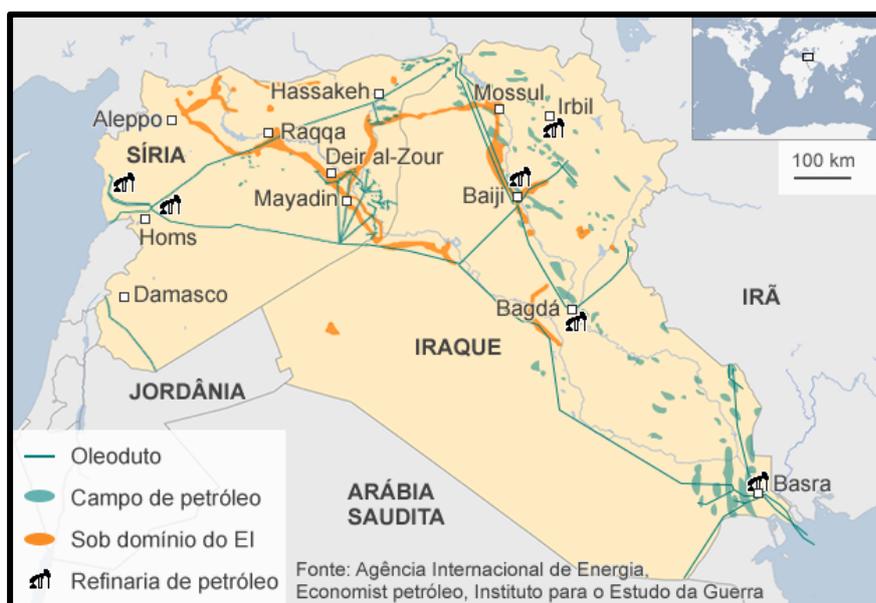


Figura 08: Domínio do Estado Islâmico

Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_mapas_siria_lab>

Fuccile (s/a) coloca que a guerra do Iraque aconteceu dois anos após os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001, chefiados por membros da organização *Al-Qaeda*, então liderada por Osama Bin Laden. Ela tinha forte atuação em território iraquiano e parte do sírio. O grupo nasceu como uma vertente da *Al-Qaeda*. Assim como a organização de Osama, o Estado Islâmico também se baseia numa interpretação extremista da *Jihad* (guerra santa islâmica) e alimenta a possibilidade de ataques terroristas a países ocidentais, ele vê o ocidente como um refúgio para corrupção moral e a decadência religiosa.

Tostes (s/a) coloca que o termo *Jihad* vem sendo usado desde a década de 1990, como justificativa ideológica para os ataques terroristas. Dessa forma, casos de autores de atentados não se trata de suicidas como a mídia evidencia, mas segundo aqueles lutadores de fé extremistas, esse ato, expande seu esforço (*Jihad*) em prol de uma coisa justa até ao ponto em que consideram sua ambição, mais importante do que a preservação a própria vida, o que faz com que eles sejam venerados como mártires por seus correligionários.

Hoje existe uma intensa migração de jovens, sobre tudo europeus para a região dominada pelo grupo extremista, tendo como objetivo de serem treinados para atuar em defesa do califado. O sequestro de pessoas que trabalham no oriente médio é prática corriqueira do grupo terrorista. Quando o grupo se sente ameaçado, executa com crueldade essas pessoas mantidas como reféns.

Aliás, entre as principais características do grupo terrorista estão às várias atrocidades que eles vêm cometendo, principalmente nas cidades que estão sob seu domínio, onde se encontram xiitas, cristãos e curdos, seus principais alvos. A mutilação genital, extirpação do clitóris feminina, o estupro de crianças e mulheres, a decapitação, a crucificação e o fuzilamento em massa estão entre as atrocidades cometidas diariamente pelos membros do Estado Islâmico (FUCCILE, s/a).

Para o autor, o Estado Islâmico tem como objetivo expandir o seu califado por todo o Oriente Médio, que basearia pela *sharia*, a lei islâmica interpretada a partir do alcorão e mudar toda a geopolítica que envolve a Europa e outras regiões do mundo. Para alcançarem seus objetivos, em nome de Alá, amedronta o mundo ocidental e extremo oriente com ataques violentos, lançando-se de armamento pesado ou homens/mulheres bombas destruindo prédios, estações de trens, casas de shows.

Ainda para Fuccile (s/a) o que é mais curioso, é o grande número de simpatizantes não islâmicos e frequentemente de origem europeia. Muitos jovens do Ocidente se oferecem para integrar o grupo e servir ao seu propósito. Esse comportamento preocupa vários chefes de estado da Europa, sobretudo pela possibilidade de infiltração que tais jovens, treinados como terroristas, possam realizar em solo europeu.

4.1 TERRORISMO ONTEM E HOJE: UM PESADELO NO DECORRER DOS SÉCULOS

O terrorismo é conduzido por minorias, que não representam um Estado constituído, contra um Estado estabelecido, com intuito de desestabilizar, derrubar ou conduzir as ações de determinado Estado a seu favor, ou ainda em prol de uma determinada liberdade, digamos assim (NICOLACI, s/a).

A palavra terrorismo surgiu, no final da Idade Moderna, a primeira vez nas *Cartas sobre paz*, escrita pelo filósofo irlandês Edmund Burker. Burker, ele classificava como terroristas as perseguições e sentenças de morte na guilhotina decretada pelos jacobinos²⁴, no Período do Terror, liderado por Robespierre. No entanto, o terrorismo é a demonstração violenta de poder por meios não convencionais, tendo como objetivo abalar a estrutura social, emocional e política, por meio das propagações de ameaça e por atos violentos (MAZETTO, s/a).

Essa questão geopolítica é mostrada também quando observa-se na figura 03, na página 33, onde é possível observar todas as investidas das cruzadas e os lugares onde as ameaças e atos violentos aconteceram. Na atualidade, o terrorismo que mais está em evidência são os de origem islâmica. Há a necessidade de se definir conceitos: o mundo árabe, o mundo islâmico e o fundamentalismo.

O mundo árabe é uma comunidade que congrega cerca de 20 países, localizados em duas áreas principais: o Oriente Médio e o norte da África (figuras 09 e 10). Esse termo é muito utilizado para se referir as características histórico-culturais principalmente, a língua, que são compartilhadas por eles (OLIC, 2012).

²⁴ Jacobinos: Os jacobinos faziam parte de uma organização política, criada em 1789 na França durante o processo da Revolução Francesa (JUNIOR, 2010, p.2).



Figura 09: Mapa mundo árabe

Fonte: < <https://geoscena.wordpress.com/2014/02/19/arabes-y-musulmanes-dos-conceptos-diferentes/>>

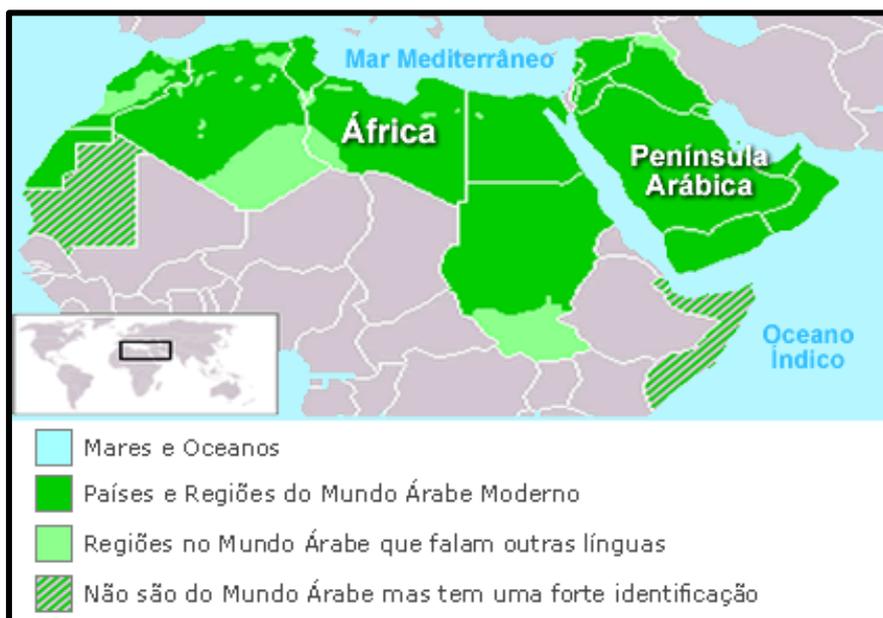


Figura 10: Mapa do mundo árabe e países com forte identificação

Fonte: < <http://ocastendo.blogspot.pt/tag/egipto>>

Quando se fala a respeito do mundo islâmico, debruça-se, especificamente, sobre a religião, pois o Islã engloba cerca de 60 países, no Oriente Médio, África Saariana e Sudeste Asiático. Ver (figura 11).

A partir desses três conceitos discorrer-se-á sobre os grupos terroristas árabes²⁵ que assombraram o mundo ocidental nas últimas décadas. O Talibã, a *Al Qaeda* e o Estado Islâmico.

O Talibã atuou no Paquistão e no Afeganistão, eles eram preocupados com aplicação das leis da sharia²⁶. O grupo comandou o Afeganistão desde 1996 até 2001, quando os EUA invadiram o país após os atentados de 11 de Setembro. Com a retirada das tropas estrangeiras, o grupo vem se fortalecendo e retomando o controle de boa parte do território afegão (OLIC, 2012).

O *Al Qaeda*, localizado principalmente no Oriente Médio, África e Ásia, foi criado em 1988, por Osama Bin Laden, juntamente com homens que lutaram contra a União Soviética no Afeganistão, seu atual líder se chama Ayman Zawahiri, cirurgião egípcio que era o número dois das organizações antes da morte de Osama, ele é o responsável pelos atentados suicidas de *Al Qaeda* e das células independentes que se tornaram uma marca da rede terrorista. Eles têm como objetivo a *Fatwa*, que é uma forma de julgamento, que dizia unificar todos os muçulmanos para criar uma grande nação islâmica, também afirma aos muçulmanos em todo mundo declarar uma Guerra Santa aos EUA e a todos os seus cidadãos e a Israel. Planeja também destituir todos os governos ocidentalizados do Oriente Médio (NOBREGA, 2003).

O Estado Islâmico teve sua origem no grupo radical sunita um dos ramos do Islã, teria surgido do Estado Islâmico do Iraque e Levante, o braço iraquiano da *Al-Qaeda*. Porém, há especialistas que afirmam não haver indícios suficientes que comprovem essa relação. Seu atual líder se chama Abu Bakr al-Baghdadi, que se autoproclamou califa representante de Alá nos territórios da Síria e do Iraque, tem como objetivo uma forte estratégia de propaganda, o EI reúne pessoas²⁷ de várias partes do mundo para restaurar a ordem de Alá na Terra e defender a comunidade muçulmana contra infiéis e não muçulmanos. Pretende criar um estado regido pelo califa e baseado numa interpretação radical da sharia, a lei islâmica. Foi responsável pelos atentados em

²⁵ Existe o Boko Haram que atua na Nigéria, de maioria muçulmana, mas não árabe. Localiza-se na África Ocidental (PALADINI, 2014, p.5).

²⁶ Sharia: O problema com o islão pode ser compreendido muito facilmente, se consideramos o islão como aquilo que ele realmente é: um sistema político poderoso que controla todos os aspectos da vida de muçulmanos, regulando também a vida dos não muçulmanos sob o seu domínio. O islão vem acompanhado por um conjunto de leis, a Sharia, que são imutáveis por terem sido escritas por Alá (ATENTO, 2015, p.1).

Paris em 13 de novembro de 2016, queda do avião Russo no Egito entre outros (PINTO, s/a).

O Estado Islâmico é uma organização que vem se disseminando ao longo dos anos em todo mundo, causando destruição e terror às comunidades não islâmicas, por conta destes fatos, são destaque nas mídias internacionais. Esses atos promovidos por grupos terroristas causam difamação, tanto do Islã quanto dos muçulmanos, situação essa que desperta aos não islâmicos o sentimento de islamofobia que consiste em sentir repugnância aos islâmicos, fato esse que está bem evidente em nossa atualidade.

5 METODOLOGIA CIENTÍFICA

Siqueira (2013) diz que a pesquisa exploratória é definida como um levantamento de dados. É um trabalho que tem como escopo apresentar ao leitor uma temática pouco conhecida, proporcionando assim uma melhor exposição e compreensão do tema. Para os autores Alves (1991); Goldenberg (1999); Neves (1996); Patton (2002), *apud* (TERRENCE; FILHO, 2006), toda pesquisa de cunho qualitativa tem como objetivo adquirir mais conhecimento no tema proposto. Optou-se assim, por apresentar ao leitor no decorrer do trabalho mapas, tabelas e imagens que retratem o que está sendo exposto durante o texto, facilitando o entendimento ao comparar e identificar tais fatos.

Desta forma, seguindo as ideias de Marconi e Lakatos (2003), a metodologia científica é utilizada para se chegar a um objetivo, sendo um caminho trilhado, que tem a proposta de responder aos questionamentos que indagam a está pesquisa. O estudo realizado nesse trabalho teve caráter exploratório, buscando desenvolver o tema dialogando com os períodos históricos e os acontecimentos propostos. Ressaltando as principais características da geopolítica quanto as religiões, estratégias, relação de poder, territórios e a cosmovisão cristão/muçulmano.

Foram utilizadas uma vasta revisão de literatura. Foram utilizados sites, tais como: Scielo, Google Acadêmico, Livros onlines e da própria biblioteca Ajes, como também artigos e teses acadêmicas. Tendo como palavras-chave: muçulmanos, cristão, conflitos religiosos, guerra santa, cruzadas, Islã, Cristianismo.

Quanto aos livros lançamos mão de: História do direito: Evolução das leis fatos e pensamentos; Compreenda o Islã e os muçulmanos; O livro das religiões e a Política do Islã.

No trabalho também foram utilizados mapas, figuras e quadros com objetivo de explicar melhor o tema escolhido, demonstrar através de figuras os fatos que aconteceram no decorrer dos anos e que precisam ser evidenciados. Com o auxílio dos quadros é possível analisar acontecimentos importantes na história e com os mapas saber onde os fatos aconteceram.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 AS CRUZADAS E O ESTADO ISLÂMICO: A INTERESECCÃO DESSES MOVIMENTOS BÉLICOS

As cruzadas foram e ainda é um marco entre os conflitos cristãos e muçulmanos, entretanto elas não são vistas somente como um ato de guerra da igreja católica para com os muçulmanos, que estavam destruindo os lugares sagrados de Jerusalém, onde muitas pessoas foram vítimas, mas sim como um movimento que envolvia vários outros interesses um deles é o fator econômico.

De um modo geral, os muçulmanos são vistos como os grandes vilões da história, essa situação é um dos motivos pelo qual o Estado Islâmico vem promovendo o terror, entre comunidades não islâmicas, o fato de querer justificar o que aconteceu no passado faz com que eles propaguem a maldades por várias partes do mundo.

O Estado Islâmico é um movimento que vem agindo recentemente, mas apesar do pouco tempo, eles não medem esforços na hora de provocar o pânico nas pessoas, são frios e calculistas, agem sem dó nem piedade, em contra partida a tudo isso mostram as pessoas uma visão totalmente equivocada em relação ao Islã, dessa forma generalizando que todo muçulmano faz parte dos movimentos terroristas.

Quando se fala em movimento terrorista é possível fazer um paralelo entre as cruzadas e o Estado Islâmico. Há 1400 anos, quando teve início as cruzadas, muitas barbáries aconteceram, barbáries essas que muito se comparam com o terrorismo do Estado Islâmico na atualidade, pessoas sendo sequestradas, decapitadas, mulheres servindo de escravas sexuais, dentre as várias crueldades que aconteceram no passado, o problema é que na época o mundo não estava globalizado ou vivendo a era tecnológica para que esses crimes fossem registrados.

A experiência chocante que é possível observar, diante do grau de fundamentalismo desse grupo armado, faz com que nos remonte as atrocidades sofridas pelos infiéis no momento das cruzadas. Isso nos permite contextualizar que conflitos que envolvem a fé sempre permearam a história da humanidade e, com violência e terror a cada época. Dos quais não existe veracidade em ambos os

lados. As cruzadas foram similares aos movimentos terroristas, mas com objetivos diferentes, lugares diferentes pessoas diferentes, porém com as mesmas características cruéis, sanguinários e impiedosos, como em nossa atualidade. Por onde passavam as cruzadas deixaram vítimas situação semelhantes às atitudes do Estado Islâmico. As cruzadas envolveram a cosmovisão ocidental e oriental, com vieses e interesses distintos.

Cada uma tem um enfoque diferente para contar o início desse conflito entre cristãos e muçulmanos. Mesmo com o passar dos anos, para muitos essa história não caiu no esquecimento, dessa forma torna-se o principal motivo para que hoje em pleno século XXI ainda exista desavenças entre esses dois povos. Na geopolítica cruzadista, também, existiram enfoques diferentes. Nelas estavam relacionadas à fatores sociais, econômicos e políticos, tendo como objetivo maior, os aspectos religiosos. Pois nesta época o mundo ocidental era regido pelo teocentrismo²⁸, ou seja, Deus no centro de todas as coisas.

A geopolítica do Estado Islâmico se destaca dos demais grupos terroristas por seus dois principais objetivos seu poder financeiro e sua crueldade. O grupo já comanda um grande território e tem ricas fontes de recursos, como petróleo. Toda a violência que o grupo demonstra é mostrar força e desestimular respostas ao seu avanço, além de conquistar novos adeptos. Na (figura 12) é possível ver os lugares que o Estado Islâmico vem agindo.

²⁸ O Teocentrismo é uma das noções que marcaram tipicamente a Idade Média. Na passagem dos séculos IV e V, o teólogo Santo Agostinho realizou um estudo sobre a salvação espiritual e a condição do homem no mundo. (SOUZA, s/a p.1).

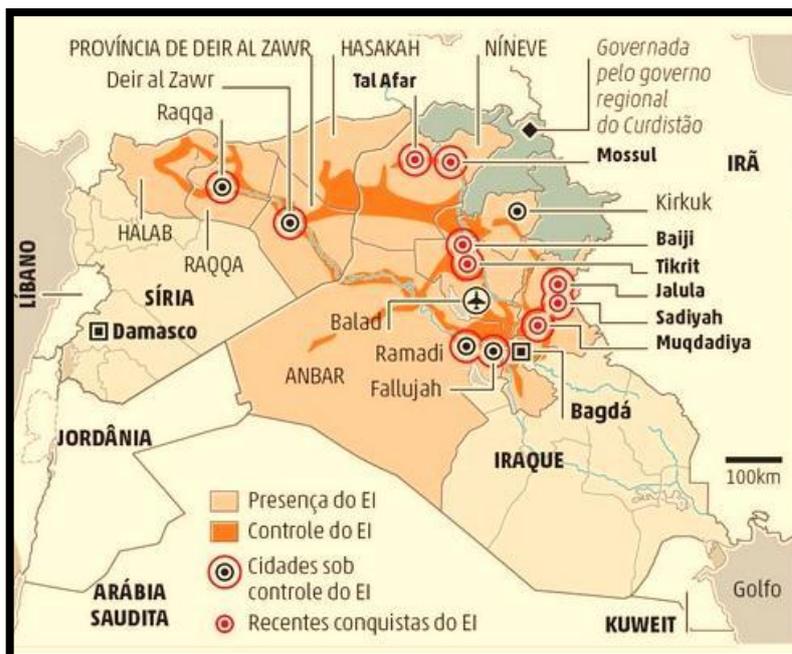


Figura12: Mapa do domínio do Estado Islâmico

Fonte: < <http://geobrmundo.blogspot.com.br/2015/02/estado-islamico.html>>

Embora ainda não haja comprovação, as suspeitas indicam que boa parte dos recursos que financiam o grupo, vem de doadores privados de países do Golfo Pérsico. Apesar do apoio de combatentes de várias nacionalidades, o extremismo e a crueldade com que o Estado Islâmico atua são vistos como ameaça pelos sunitas moderados, que detêm o poder político em outros países da região, como Jordânia, Arábia Saudita e Turquia. Em um noticiário recente (2017) o presidente russo, Vladimir Putin, disse que pelo menos 40 países financiam o grupo, entre eles alguns membros do G20 – grupo dos vinte países mais ricos do planeta.

Uma forma de geopolítica usada pelo Estado Islâmico é obrigar as pessoas que vivem nas áreas que controla a se converterem ao Islã, além de viverem de acordo com a interpretação sunita da religião e sob a lei *Sharia*. Aqueles que se recusam, podem sofrer torturas e mutilações, ou serem condenados à pena de morte. Por essas atitudes que muitos não islâmicos imaginam uma visão errada do Islã, muitas pessoas acreditam que todo árabe ou muçulmano tem vínculo com o terrorismo, isso provoca como já foi pautado a islamofobia, problema esse que já afeta o mundo todo. Este tipo de aversão ao islamismo vem acontecendo principalmente nos Estados Unidos, no Canadá, na Europa e em Israel, devido

aos atentados terroristas, todavia, esse sentimento já existia, embora em menor grau, anteriormente, devido às enormes diferenças culturais e religiosas.

Nos dias atuais, bem como na época das cruzadas, as pessoas querem impor suas crenças e religiões a outros povos por meio da violência, acirrando as tensões e conflitos entre muitos países. Todos os anos, milhares de pessoas morrem, seja porque apoiam a causa ou porque discordam delas. Muitas vezes os ataques são muito bem planejados e são praticamente impossíveis de prever, mesmo com a alta tecnologia dos países atingidos.

As ameaças constantes tanto na zona de guerra, como em países que são ameaçados, vem mudando o cenário econômico e político desses lugares. É crescente o número de refugiados fugindo da guerra em países como Brasil, Estados Unidos, Canadá e Coréia do Norte, esse grande crescimento no número de refugiados acaba por sobrecarregar esses países que estão em uma iminente crise econômica atual. Crise muito parecida como na época das cruzadas.

Na época das cruzadas, o crescimento acelerado da população levou a ocupação de áreas ainda não utilizadas para o plantio em florestas e pântanos, entretanto a disponibilidade de terras nessas áreas era limitada, houve uma expansão muito grande da população, isso ocasionou um número de pessoas que caíam na mendicância ou banditismo. Em meio a tudo isso o senhor feudal ampliara as obrigações dos servos, a crise atingiu não só os camponeses, mas também os nobres, tais condições somadas aos espíritos de aventura dos cavaleiros e as disputas territoriais proporcionaram um clima de constantes lutas entre a nobreza, foi em meio a essas situações que teve início as cruzadas esses conflitos internos já eram um forma de terrorismo (FRANÇA, 2003).

Mesmo com o passar dos anos a situação não mudou, os conflitos ideológicos ainda são a causa de muitas guerras que acontece no mundo. Séculos após o maior evento envolvendo brigas entre Cristianismo e o Islã, ele volta a se repetir, porém com uma intensidade maior, abrangendo mais pessoas e mais partes do mundo, mais com a mesma característica do passado, interesses pessoais, econômicos, e acima de tudo até mesmo da forma de pensar no próximo.

7 CONCLUSÃO

Os conflitos religiosos são problemas antigos das sociedades, por mais que pareça coisa da atualidade, eles já se arrastam por muito tempo. As cruzadas foram o ápice para que eles se expandissem pelo mundo a fora, essa desavenças religiosa se desencadeou por fatores econômicos, sociais e religiosos, tendo como principal objetivo expandir as ideologias católicas e influenciar economicamente os europeus. Por mais que haja desavenças entre essas duas religiões ambas concordam e considera a cidade de Jerusalém um símbolo muito importante para a história das duas doutrinas, pois na época do medievo muitas coisas aconteceram que de certa forma marcaram a história das duas religiões. Também são importantes na atualidade, pois na cidade é possível encontrar os geossímbolo de cada uma das doutrinas

Mesmo a mídia demonstrando o lado errôneo do islã para as pessoas, ele vem se expandindo de uma forma muito surpreendente pelo mundo, essa expansão teve início após a morte de Muhammad, quando começou uma disputa de poder, disputa essa que de certa forma ameaçava a união política que havia sido estabelecida antes de sua morte. Foi ai que surgiu a ideia de expandir o islã que vem sendo contemplada em nossa atualidade.

Cada estudioso tem sua forma de analisar as cruzadas, comparada com a nossa realidade, atualmente, as cruzadas são de certa forma consideradas um movimento radical, entretanto não chega ao ponto de ser extremista como grupo terrorista Estado Islâmico, mas abrangeram um número muito grande lugares e vítimas, dessa forma se assemelhando ao grupo extremista.

As cruzadas dividem muitas opiniões sobre quem realmente teve culpa, de forma geral, culpam-se os muçulmanos por esse evento terrorista medieval, essa atitude de culpá-los por esse evento histórico faz com que as pessoas criem um imaginário errado sobre os muçulmanos e o islã, esse imaginário precipitado gera um sentimento de repúdio nas pessoas não islâmicas, conhecido como islamofobia que hoje afeta muitos lugares do mundo.

As relações geopolíticas entre os cristãos e muçulmanos, do ponto de vista cruzadas e o Estado Islâmico em nossa atualidade são bem semelhantes, pois apesar dos anos que se passaram as mortes continuam a expansão o terror também

é constante e os objetivos são semelhantes, pois consistem em interesses sociais econômicos e principalmente religiosos que muitas vezes são a motivação principal para os ataques.

Hoje os conflitos religiosos são um problema que afeta vários países, esses conflitos poderiam ser evitados se todos respeitassem a religião do próximo, é muito necessária essa compreensão por parte de todos, de nada adianta querer justificar os erros do passado. Boa parte dos conflitos sejam eles religiosos, econômicos ou por territórios acontecem pelo fato da não aceitação da diferença. Muitos querem impor sua ideologia sua opinião nas pessoas e isso gera toda essa confusão que já se arrasta por vários séculos.

REFERÊNCIAS

A ascensão e queda do conquistador Átila, o Humor.

A bíblica. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/>> Acesso em 24 maio 2017

ABDULLAH, Amatullah. **O califado de Uthman ibn Affan**. 2009. Disponível em: <<http://www.islamreligion.com/pt/articles/521/uma-breve-historia-do-islam-parte-5-de-5/>> Acesso em: 21 maio 2017.

ALBERGARIA, Bruno. **História do direito**. 2.ed. São Paulo : Atlas S.A, 2010.v.2, 230 p (Coleção Evolução das leis fatos e pensamentos.)

ALCANTÁRA, Priscila Drozdek. **Terrorismo**: uma abordagem conceitual. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo_Uma-abordagem-conceitual.pdf> Acesso em: 08 abr. 2017.

Alcorão sagrado. Disponível em: <http://www.islamismo.org/o_alcorao_sagrado.htm> Acesso em 24 maio 2017.

AL-MUALA, Abdurrahman. **O que é a sunnah? (parte 1 e 2)**: Uma revelação como o Alcorão. 2014. Disponível em: < <https://www.islamreligion.com/pt/articles/653/o-que-e-sunnah-parte-1-de-2/>> Acesso em: 29 maio 2017.

AMARAL, Giovane Dala Rosa. **As comunidades islâmicas no Brasil e seus reflexos para a segurança social**. 2014. Disponível em: <<http://redebie.deceex.ensino.eb.br/vinculos/00000b/00000b19.pdf>> Acesso em 21 maio 2017.

AMBALU, S. et. al., O livro das religiões. São Paulo: Globalivros, 2016

ANDRADE, Aila Pinheiro de. **Como Jerusalém se tornou cidade santa**. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Aila%c20L.%20Pinheiro%20de%20>

Andrade_formatando.pdf> Acesso em 23 Abr. 2017.

ANTHONY, Márcio. **Divisão do império romano e o império bizantino**. 2012. Disponível: <<http://eugostodehistoria.blogspot.com.br/2012/11/divisao-do-imperio-romano-e-imperio.html>> Acesso em: 17 maio 2017.

Antigo Testamento. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Antigo_Testamento> Acesso em: 25 maio 2017

ARAUJO, Felipe. **Islã no Brasil.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/islamismo/isla-no-brasil/>> Acesso em: 21 fev. 2017.

ATENTO, José. **Lei Islâmica (Sharia): resumo do que não presta.** Disponível em: <http://infielatento.blogspot.com.br/2015/11/lei-islamica-sharia-resumo-do-que-nao.html> Acesso em: 29.mai.2017

AUXILIADORA, Maria. **Igreja medieval.** Disponível em: <<https://dorasiqueira.files.wordpress.com/2013/05/as-cruzadas.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2017.

BAPTISTA, Livya Vasconcellos. O espaço da leitura em bizâncio. **Revista Topoi.** v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 181-183. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v10n19/2237-101X-topoi-10-19-00181.pdf>> Acesso em: 26 maio 2017.

BARRETO, Carlos Eduardo J de. **As cruzadas vistas pelos muçulmanos.** 2008. Disponível: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC0069_01_O.pd> Acesso em 22 maio 2017.

BBC BRAISL, **Diferenças e divergências entre sunitas e xiitas.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160104_diferencas_sunitas_xiitas_muculmanos_lab> Acesso em 26 maio 2017.

BERLINCK, Debora. **Islamofobia, o fantasma dos muçulmanos.** 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/islamofobia-fantasma-dos-muculmanos-18059052> Acesso em: 22 maio 2017.

BETENCOURT, Estevão Tavares. **As cruzadas e a terra santa.** 2007. Disponível e: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/02CruzadasTerraSanta.html>> Acesso em 23 fev. 2017.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do Cristianismo.** 1ªed. São Paulo.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo**. 2013. Disponível em: <<http://www.batistaesperanca.com.br/wp-content/uploads/2013/05/Fundamentalismo-Leonardo-Boff.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2017.

BONEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R.L. *et. ali*, (orgs). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERP, 2002.

BUSSUNDA, Clara. **Imperio bizâncio**. Disponível em: <<http://www.mundoedu.com.br/uploads/pdf/53b5d55655b39.pdf>> Acesso em 26 maio 2017.

CALIXTO, Douglas. **Tempos de tribo**. 2015. Disponível em: <http://ccvap.futuro.usp.br/noticiasfiles/15.05.2015_DouglasCalixto_Resenha_OTempodasTribos.pdf> Acesso em: 19 maio 2017.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Constantino e as transformações do Império Romano no século IV**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf>> Acesso em: 16 maio 2017.

CARTES, Omar. **A historia dos templários**. Disponível em: <<http://www.ostemplarios.org.br/txt/bib/b2120407112954.pdf>> Acesso em: 25 mar.2017

CASONATTO, Odalberto Domingos. **Onde era a Judeia**. 2014. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=7778>> Acesso em: 03 abr. 2017.

CHAPA, Juan. **Edito de Milão**. 2003. Disponível: <<http://opusdei.org.br/pt-br/article/o-que-foi-o-edito-de-milao/>> Acesso em: 16 maio 2017.

COGGIOLA, Osvaldo. **Islã histórico e islamismo político**. Disponível em: <http://www.icarabe.org/sites/default/files/pdfs/o_mundo_arabe_contemporaneo_-_aula_6_anexo_2.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

CONEGERO, Daniel. **Significado dos Galileus**. Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/o-que-significa-galileu/>> Acesso em: 08 mar. 2017.

CONEGERO, Daniel. **Vida do Apostolo Paulo**. Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/historia-do-apostolo-paulo/>> Acesso em: 16 maio 2017.

DAMIÃO, V. **História das Religiões**. 5ª. Edição: Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2008.

DUARTE, Amanda. **A geopolítica**. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/geopolitica/>> Acesso em 22. Mai.2017

ELLUL, Jacques. **Anarquia do Cristianismo**. Disponível em: <<http://agrutadolou.com.br/livros/anarquiaCristianismo.pdf>> Acesso em 23 mar. 2017.

FAKIR, Muhammad. **A breve biografia de Abu Bark**. Disponível em: <https://d1.islamhouse.com/data/pt/ih_articles/single/pt_Abu_bakr.pdf> Acesso em: 26 maio 2017.

FERNANDES, Pedro. Religiões Abraâmicas. Disponível em:<<http://www.pedroitb.com.br/2012/12/religiao-religioes-abraamicas.html>> Acesso em: 07 abr. 2017.

FERREIRA, Francirosy. Barbosa Campos. Maomé uma biografia do profeta. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2003, V. 46 Nº 1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n1/a09v46n1.pdf>> Acesso em 02 Maio 2017.

FONTES, Martins. **O Cristianismo**. 2005. Disponível em: <<http://portalconservador.com/livros/C.S.Lewis-Cristianismo-Puro-e-Simples.pdf>> Acesso em: 22 maio 2017.

FRANÇA, Virgíia Suzana Azevedo de. **Da crueldade em Nietzsche**. 2003. 104 f. Tese (Mestrado em Filosofia)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/6140/arquivo3108_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 09 abr. 2017.

FUCCILE, Alexandre. **Estado islâmico: origem situação atual e desdobramentos**. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cedn/xii_cedn/a_guerra_ao_ei_fuccille.pdf> Acesso em 23 maio 2017.

GLAAB, Bruno. **O fenômeno religioso: O Islã**. São Paulo, v.2, n.2, mar. 2008.

GUERRA, T.A., **Dicionário Geológico-geomorfológico**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: IBGE. Biblioteca Central, 1980.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002. Disponível em: <<http://www.pedroitb.com.br/2012/12/religiao-religioes-abraamicas>> Acesso em: 21 maio. 2017.

HAYEK. Samir. **Os coraixitas**. Disponível em:< <http://islamismoestudo.blogspot.com.br/2013/07/coraix-os-coraixitas-capitulos-curtos.html>> Acesso em: 16 mai 2017.

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Jacobinos**. 2010. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-imperio/jacobinismo/>> Acesso em: 18 mai. 2017.

KOHLRAUSCH, Marques Alexandre. **A questão Ítalo-Abissínia**: Os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17233>> Acesso em: 26 maio 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico, 21º edição. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, M.S. Sob a sombra do carvalho: **o imaginário neodruídico na metrópole paulistana**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Ciências da Religião, 2008.

LOPES, M.S. Sob a sombra do carvalho: o imaginário neodruídico na metrópole paulistana. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Ciências da Religião, 2008.

LOPES. André Leme. **Conflitos entre o Islã e o ocidente**. Disponível em: <http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia_01_conflito_entre> Acesso em 17 maio 2017.

LOPES. Lídia. **Muralhas de Constantinopla**. 2012. Disponível em: <<http://cronicasdaanatolia.blogspot.com.br/2012/12/muralhas-de-constantinopla.html>> Acesso em: 20 mar. 2017.

MACIEL, Wilyans. 2006. **Santo Agostinhos**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/santo-agostinho/>> Acesso em: 07 mar. 2017.

MARÇAL, Anderson. **O que é o dizimo**. 2010. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/padreanderson/tag/dizimo/>> Acesso em: 16 maio 2017.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5º ed. Editora: Atlas. São Paulo. 2003.

MARTINELLI, Marcello. **Por uma cartografia geográfica**: Uma análise da representação gráfica da geografia 1996. 146 f. Tese (Mestrado em Geografia)-Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 1996. Uma análise da representação gráfica da geografia. Disponível em:<<http://www.ige.unicamp.br/geoget/acervo/teses/Por%20uma%20Cartografia%20Lindon.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2017.

MAZETTO, Francisco Penteadó Assis de. **O terrorismo na história**. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2017.
Mesquita Brasil. Disponível em:<<http://www.cidadedesao Paulo.com/sp/o-que-visitatar/atrativos/pontos-turisticos/3067-mesquita-brasil>> Acesso em 25 maio 2017.

MICHAUD, Joseph Francois. **A história das cruzadas**. Disponível em: <<http://www.obrascaticas.com/livros/Historia/Joseph%20Francois%20Michaud%20-%20Historia%20das%20Cruzadas%20Vol%207.pdf>> Acesso em 20 abr. 2017.

MUBARAK. Caleb. **Introdução ao Islamismo**. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Introducao-ao-Islamismo.pdf>> Acesso em: 21 Mar. 2017.

NAVARRO. Roberto. **Como foi a ocupação moura na península ibérica**. 2011. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/como-foi-a-ocupacao-moura-da-peninsula-iberica/>> Acesso em 22. Maio 2017.

NAWWAB, SPEERS, HOYE. **Uma breve historia do Islã**. 2009. Disponível em: <<http://www.islamreligion.com/pt/articles/319/uma-breve-historia-do-islã-parte-2-de-5/>>Acesso em: 19 maio 2017.

NICOLACI. Ângelo. **Análise geopolítica do terrorismo**. 2010. Disponível em: <<http://www.gbnnews.com.br/2010/08/analise-geopolitica-do-terrorismo.html>> Acesso em: 8 abr. 2017.

NOBREGA Carla. **Al Qeda análise estratégia da maior organização terrorista do século XXI**. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6182/3/Tese.pdf>> Acesso em:08 abr. 2017.

NUNES, Acácio. **Patristica e escolástica**. 2011. Disponível: <<http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/2868411>> Acesso em: 07 mar. 2017.

OLIC, Nelson Bacic. **Paquistão o país onde nasceu o talibã**. 2012. Disponível em: <http://www.qrce.com.br/portal_educacional/fundamental2/projeto_apoema/pdf/textos_complementares/geografia/9_ano/apg9_texto_complementar15.pdf> Acesso em: 08 abr. 2017.

PALADINI. Rafaela Tamer. **A nigeriã e o Boko Haram**. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-nigeria-e-o-boko-haram.pdf> Acesso em: 28.mai.2017.

Pfandl, Gerhard, **A Trindade na Bíblia .“Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas” – Crença Fundamental nº 2**. Disponível em www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-e-respostas-biblicas/a-trindade-na-biblia/ Acesso em 15 mai, 2017.

PHILIPS, Abu Ameenah Bilal. **Compreendendo o Islã e os muçulmanos**. Disponível em: <file:///C:/Users/Do wnloads/Compreenda_o_Islam_e_os_Muculmanos.pdf> Acesso em: 19.mai.2017.

PINTO, Cleber couto. **O estado islâmico: Sob a luz da teoria geral do estado**. 2015. Disponível em: <http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista68/revista68_60.pdf> Acesso em: 08 abr. 2017.

PINTO. Tales Santos dos. **Cisma do oriente e a divisão do catolicismo**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/cisma-oriente-divisao-catolicismo.htm>> Acesso em: 26 maio 2017.

SANTOS, Danilo. O; BOVO, Marcos Clair. **Análise do debate teórico em geopolítica e geografia política nos períodos das guerras mundiais: breves considerações sobre os conceitos de território, estado e poder**. 2011. Disponível em:<http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/ciencias_exatas/05ANTOS_BOVO.pdf> Acesso em 20. Mar. 2017.

SILVA, Alex Sandro da. FILHO. Sylvio Fausto Gil. **Geografia da religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer**: Um estudo da igreja internacional da graça de Deus. Revista de Estudos da Religião. Jun/2009. p, 73-91. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/t_silva.pdf> Acesso em: 22 fev. 2017.

SILVA, Débora. **As cruzadas.** Disponível em:
<<https://www.todoestudo.com.br/historia/as-cruzadas>> Acesso em: 09 abr. 2017.

SILVA, Luíz Carlos da. **As cruzadas.** Disponível em:
<<http://www.mbpalavraviva.org/download/cruzadas.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2017

_____a. Israel Nascimento do. **A Galileia no tempo de Jesus.** 2012. Disponível em: <<http://www.rudecruz.com/a-galileia.php>> Acesso: 08 mar. 2017.

_____b. Martha J. da. **Cristão e Muçulmanos durante a alta idade média.** Disponível em:
<<http://colegiomilitarpmvr.com.br/Documentos/Cristaos%20e%20Mucul.pdf>> Acesso em: 19.maio 2017.

_____c. Patricia Barbosa da. **As cruzadas.** 2001. Disponível em:
<<http://www.coladaweb.com/historia/guerras/as-cruzadas>> Acesso em: 09 mar. 2017.

SOUZA. Rainer. **Antropocentrismo X teocentrismo.** Disponível em:
<http://alunosonline.uol.com.br/historia/antropocentrismo-x-teocentrismo.html> Acesso em 31. Maio 2017

SOUZZA. Leonardo. **Suicida altruísta.** Disponível em:
<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgfB4AC/suicidio-altruista>> Acesso em: 27 maio 2017.

TAUBE. Marcia. **Expansão do Islã.** Disponível em:
<<http://marciamaranho.blogspot.com.br/2011/06/expansao-do-islam.html>> Acesso em 27 maio 2017.

TERRENCE, Ana Cláudia Fernandes, FILHO, Edmundo Escrivão. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** Disponível em:
<http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf> Acesso em: 30 abr. 2017.

TOSTES, Silas. **JIHAD E O REINO DE DEUS.** Disponível em:<
<http://missionews.com.br/downloads/eBook%20-%20Jihad%20-%20Silas%20Tostes.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2017.

WANIEZ. Philippe, BRUSTLEIN Violette. **Muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social.** Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n2_Waniez%20e%20Brustlein.pdf Acesso em: 21.mai.2017

ZATA. Angela. O espelho dos outros: uma visão árabe. **Revista Tempos Acadêmicos.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 253. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/historia/article/viewFile/900/1039>> Acesso em 22 fev. 2017.